UMA HISTÓRIA DE EXTRAORDINÁRIO

Shingaling

R.J. PALACIO



Shingaling

Uma história de *Extraordinário*

R. J. Palacio

Tradução de Rachel Agavino



TÍTULO ORIGINAL
Shingaling

REVISÃO
Juliana Werneck

FOTO DA AUTORA
Russell Gordon

REVISÃO DE EPUB
Bruna Cezário

GERAÇÃO DE EPUB
Intrínseca

E-ISBN
978-85-8057-827-0

Edição digital: 2015

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br








intrínseca


Sumário

Mas a cada primavera
Torna-se jovem de novo,
E as fadas cantam.
— *Flower Fairies of the Spring*, 1923

Nobody can do the shingaling like I do.
[Ninguém dança o shingaling como eu.]
— The Isley Brothers, “Nobody but Me”

Como eu ia para a escola

Todos os dias, a caminho da escola, eu passava por um senhor cego que tocava acordeão na Main Street. Ele se sentava num banco debaixo do toldo do supermercado A&P, na esquina da Moore Avenue, com um cão-guia deitado num cobertor à sua frente. A cadela tinha uma bandana vermelha amarrada no pescoço. Era uma labradora preta. Eu sei porque minha irmã Beatrix um dia perguntou a ele.

— Com licença, senhor. Qual é a raça desse cachorro?

— Joni é uma labradora preta, senhorita — respondeu ele.

— Ela é muito fofa. Posso fazer carinho?

— É melhor não. Ela está trabalhando agora.

— Ok, obrigada. Tenha um bom dia.

— Tchau, senhorita.

Minha irmã acenou para ele. Ele não tinha como saber disso, claro, então não acenou de volta para ela.

Beatrix tinha oito anos. Sei disso porque era meu primeiro ano na Beecher Prep, o que significa que eu estava no jardim de infância.

Eu mesma nunca falei com o homem do acordeão. Detesto admitir, mas eu meio que tinha medo dele na época. Seus olhos, que estavam sempre abertos, eram meio vidrados e turvos. Eram cor de creme e pareciam feitos de mármore. Isso me assustava. Eu tinha até um pouco de medo da cadela, o que não fazia nenhum sentido, porque eu adorava cachorros. Quer dizer, eu *tenho* um cachorro! Mas tinha medo da cadela dele, com o focinho cinzento e os olhos meio pegajosos também. Mas — e este é um grande mas —, mesmo com medo dos dois, do homem *e* de sua cadela, eu sempre deixava uma nota de um dólar no estojo do acordeão aberto na frente deles. E de algum modo, mesmo que ele estivesse

tocando e por mais silenciosa que eu fosse, o homem do acordeão sempre ouvia o farfalhar da nota caindo no estojo.

— Deus abençoe a América — dizia ele para o nada, assentindo na minha direção.

Isso sempre me fez pensar. Como ele conseguia ouvir aquilo? Como sabia em que direção assentir?

Minha mãe explicou que as pessoas cegas desenvolvem os outros sentidos para compensar aquele que perderam. Então, como ele era cego, tinha uma ótima audição.

Isso, claro, fez com que eu me perguntasse se ele tinha outros superpoderes também. Tipo, no inverno, quando estava frio, será que seus dedos tinham um poder mágico de se manterem aquecidos enquanto apertavam as teclas do instrumento? E como o resto do corpo dele ficava quente? Naqueles dias muito frios em que meu queixo começava a bater depois de andar apenas alguns quarteirões contra o vento gelado, como ele se mantinha aquecido o bastante para tocar o acordeão? Algumas vezes eu via pedacinhos de gelo se formando em partes do seu bigode e da sua barba, ou via o homem se curvar para ter certeza de que a cadela estava coberta com a manta. Então eu sabia que ele *sentia* frio, mas como continuava tocando? Se isso não é um superpoder, não sei o que é!

No inverno, eu sempre pedia a minha mãe *dois* dólares para pôr no estojo do acordeão em vez de apenas um.

Fush. Fush.

— Deus abençoe a América.

Ele sempre tocava as mesmas oito ou dez músicas. Menos no Natal, quando tocava “Noite Feliz” e “Jingle Bells”. Mas, fora isso, eram as mesmas músicas. Minha mãe sabia o nome de algumas. “Delilah”, “Lara’s Theme” e “Those Were the Days”. Baixei todas as músicas que ela citou, e a mamãe estava certa, *eram* aquelas músicas. Mas por que só aquelas? Eram as únicas que ele tinha aprendido a tocar ou eram as únicas de que se lembrava? Ou ele sabia um montão, mas escolhia tocar só aquelas?

E todas essas perguntas me faziam pensar ainda mais! Quando ele aprendeu a tocar acordeão? Será que foi quando ainda era pequeno? Ele enxergava na época? Se não enxergava, como lia as

partituras? Onde ele cresceu? Onde morava quando não estava na esquina da Main Street com a Moore Avenue? Eu já o vi andando com a cadela algumas vezes, a mão direita segurando a coleira, e a esquerda, o estojo do acordeão. Eles andavam tão devagar! Não parecia que podiam ir muito longe. Então, *aonde* eles iam?

Havia muitas perguntas que eu teria feito se não tivesse medo dele. Mas nunca as fiz. Apenas lhe dava notas de um dólar.

Fush.

— Deus abençoe a América.

Era sempre igual.

Então, quando fiquei mais velha e não sentia mais *tanto* medo, as dúvidas que eu tinha em relação a ele perderam a importância. Acho que fiquei tão acostumada a vê-lo que já não pensava de verdade nos seus olhos turvos nem me perguntava se ele tinha superpoderes. Não que eu tenha parado de lhe dar a nota de um dólar quando passava nem nada. Mas agora era mais um hábito, como passar o cartão do metrô pela roleta.

Fush.

— Deus abençoe a América.

Quando comecei o quinto ano, parei de vê-lo, porque já não passava pela mesma rua a caminho da escola. O prédio do ensino fundamental da Beecher Prep fica alguns quarteirões mais perto da minha casa do que o da pré-escola, então agora eu vou para a escola com Beatrix e minha irmã mais velha, Aimee, e volto para casa com minha melhor amiga, Ellie, e com Maya e Lina, que moram perto de mim. De vez em quando, no início do ano letivo, nós íamos comprar salgadinhos no supermercado depois da escola, antes de irmos para casa, e eu via o homem do acordeão e lhe dava um dólar e o ouvia abençoar a América. Mas, conforme foi esfriando, não íamos mais lá com frequência. E, por isso, foi só durante o recesso de inverno, quando fui ao supermercado com minha mãe certa tarde, que percebi que o homem cego que tocava acordeão na Main Street não estava mais lá.

Ele havia partido.

Como passei o recesso de inverno

As pessoas que me conhecem sempre dizem que sou muito dramática. Não tenho a menor ideia de por que dizem isso, pois não sou *nada* dramática. Mas quando descobri que o homem do acordeão tinha partido, eu meio que pirei! Não sei por quê, mas não parava de pensar obsessivamente sobre o que poderia ter acontecido com ele. Era como um mistério que eu tinha que solucionar! O que havia acontecido com o senhor que tocava acordeão na Main Street?

Ninguém sabia. Minha mãe e eu perguntamos às caixas do supermercado, à moça da lavanderia e ao homem da ótica do outro lado da rua se eles sabiam algo sobre ele. Perguntamos até ao policial que patrulhava o quarteirão. Todos o conheciam, mas ninguém sabia o que tinha acontecido, só sabiam que um dia — *puf!* — ele não estava mais lá. O policial me disse que em dias muito frios os sem-teto são levados para os abrigos municipais para não morrerem congelados. Ele achava que tinha sido isso. Mas a moça da lavanderia falou que tinha certeza de que ele não era mendigo. Achava que ele morava em algum lugar em Riverdale, porque o vira saltar do ônibus Bx3 com sua cadela bem cedo pela manhã. E o homem da ótica disse que tinha certeza de que o homem do acordeão havia sido um músico de jazz famoso e na verdade era muito rico, então eu não precisava me preocupar com ele.

Você deve estar pensando que essas respostas me ajudaram, certo? Não! Elas só levantaram uma porção de outras perguntas que me deixaram ainda *mais* curiosa. Tipo, o homem do acordeão estava passando o inverno num abrigo para sem-teto? Estava morando em sua bela casa em Riverdale? Tinha mesmo sido um famoso músico de jazz? Era rico? Se era rico, por que tocava por

dinheiro?

A propósito, a minha família não aguentava mais me ouvir falar disso.

Beatrix disse: “Charlotte, se você falar disso mais uma vez, vou vomitar em cima de você!”

E Aimee disse: “Charlotte, dá pra *deixar* isso pra lá?”

Foi minha mãe que sugeriu que um bom modo de “canalizar” minha energia seria dar início a uma campanha de doação de agasalhos na vizinhança para ajudar os sem-teto. Espalhamos folhetos pedindo às pessoas que doassem seus casacos “usados e em bom estado” colocando-os em sacos plásticos dentro de uma caixa gigante que deixamos na frente do nosso prédio. Então, depois que coletamos cerca de dez grandes sacos de lixo cheios de casacos, minha mãe, meu pai e eu fomos de carro até o abrigo na Bowery Street, no centro da cidade, para doar os agasalhos. Tenho que dizer que foi muito bom entregar todos aqueles casacos a pessoas que realmente precisavam! Dei uma volta pelo abrigo com meus pais para ver se o homem do acordeão estava por lá, mas não o encontrei. De todo modo, eu sabia que ele já tinha um bom casaco: uma parca laranja da Canada Goose que fez minha mãe ter esperança de que os boatos sobre ele ser rico fossem verdade.

— Mendigos não usam Canada Goose — observou mamãe.

Quando voltei para a escola depois do recesso de inverno, o Sr. Buzanfa, o diretor, me parabenizou por ter feito a campanha do agasalho. Não sei como ele ficou sabendo, mas ficou. Era um consenso que o Sr. Buzanfa tinha um tipo de drone de vigilância secreto fazendo relatórios sobre tudo o que acontecia na Beecher Prep: não havia outro modo de ele saber todas as coisas que parecia saber.

— Foi um belo modo de passar o recesso de inverno, Charlotte — disse ele.

— Ah, obrigada, Sr. Buzanfa!

Eu adorava o Sr. Buzanfa. Ele sempre foi muito legal. Era um daqueles professores que nunca falavam com os alunos como se fôssemos crianças pequenas. Ele usava palavras difíceis, pressupondo que você as conhecia e entendia, e nunca desviava o

olhar quando você falava com ele. Eu também adorava o fato de ele usar suspensórios, gravata-borboleta e tênis vermelhos.

— O que você acha de ajudar a organizar uma campanha do agasalho aqui na Beecher Prep? — perguntou ele. — Agora que você tem experiência, eu adoraria sua colaboração.

— Claro! — respondi.

E foi assim que acabei fazendo parte da primeira Campanha Anual do Agasalho da Beecher Prep.

De todo modo, em meio à campanha e a todos os dramas da escola depois do recesso de inverno (falo mais disso em breve!), acabei não tendo chance de descobrir o que aconteceu com o senhor cego que tocava acordeão na Main Street. Ellie não estava nem um pouco interessada em me ajudar a resolver esse mistério, embora fosse o tipo de coisa que talvez despertasse seu interesse apenas alguns meses antes. E Maya e Lina sequer se lembravam dele. De fato, ninguém parecia se importar com o que havia acontecido com o homem do acordeão, então acabei deixando o assunto de lado.

No entanto, às vezes ainda penso nele. De vez em quando, me lembrava de uma das músicas que ele tocava no acordeão. E então eu a cantarolava pelo resto do dia.

Como a guerra dos meninos começou

A *única* coisa de que todo mundo falava quando voltamos às aulas era "a guerra", também chamada de "a guerra dos meninos". Poucos dias antes do recesso de inverno, Jack Will foi suspenso por dar um soco no rosto de Julian Albans. *Caramba, que drama!* Todos fofocavam sobre o ocorrido, mas ninguém sabia direito por que Jack tinha feito aquilo. A maioria achava que tinha algo a ver com Auggie Pullman. Para entender, você precisa saber que Auggie Pullman é um garoto da nossa escola que nasceu com graves anomalias faciais. E, por graves, quero dizer *graves*. Tipo, graves *mesmo*. Nenhum dos seus traços está onde deveria. É algo meio chocante quando você o vê pela primeira vez, porque parece que Auggie está usando uma máscara ou coisa parecida. Então, quando ele entrou na Beecher Prep, *todo mundo* sabia quem ele era. Era impossível não notá-lo.

Algumas pessoas — como o Jack, a Summer e *eu* — foram legais com ele desde o início. Tipo, quando eu passava por ele no corredor, sempre dizia: "Oi, Auggie, tudo bem?" e coisas assim. Bem, é claro que parte disso foi porque, antes do início das aulas, o Sr. Buzanfa tinha me pedido para fazer parte do comitê de boas-vindas do Auggie, mas eu teria sido legal com ele mesmo que o Sr. Buzanfa não tivesse me pedido.

No entanto, a maioria das pessoas — como Julian e seu grupinho — não era *nada* legal com Auggie, sobretudo no início. Nem acho que eles estivessem tentando necessariamente ser maus. Acho que só estavam um pouco perturbados com o rosto dele. Eles diziam coisas estúpidas pelas costas do Auggie. O chamavam de *Monstro.* Faziam aquele jogo chamado "A praga", do qual, aliás, eu *não* participei! (Se nunca toquei em Auggie Pullman, foi só porque não

tive motivo para isso — nada mais!) Ninguém queria andar com ele ou formar dupla com ele nas aulas. Pelo menos no início do ano letivo. Mas depois de alguns meses, as pessoas começaram a se acostumar com ele. Não que fossem legais de verdade nem nada, mas pelo menos pararam de ser más. Quer dizer, todos *menos* Julian, que continuava criando caso! É como se ele não conseguisse superar o fato de Auggie ter a aparência que tem! Como se o pobre garoto pudesse fazer alguma coisa, não é?

Enfim, então o que todo mundo acha que aconteceu foi que Julian disse algo terrível sobre Auggie para Jack. E Jack — sendo um bom amigo — deu um soco nele. *Bum*.

E então Jack foi suspenso. *Bum*.

E agora voltou da suspensão! *Bum!*

E esse é o *drama*!

Mas a história não terminou por aí!

Porque isto aconteceu: durante o recesso de inverno, Julian deu um festão e, basicamente, colocou todo mundo do quinto ano contra Jack. Ele espalhou o boato de que a psicóloga da escola disse para a mãe dele que Jack é emocionalmente instável. E que a pressão de ser amigo do Auggie o fez surtar e se tornar violento. Que maluquice! Claro que nada disso era verdade e quase todo mundo sabia, mas isso não impediu Julian de espalhar a mentira.

E agora todos os meninos estão nessa guerra. Foi assim que começou. E é tão *idiota*!

Como me mantive neutra

Sei que as pessoas dizem que sou muito certinha. Não sei por que falam isso. Porque *não* sou tão certinha assim. Mas também não sou o tipo de pessoa que vai ser má com *alguém* só porque *outro alguém* disse que eu deveria ser. Odeio quando as pessoas fazem coisas assim.

Então, quando todos os garotos começaram a dar um gelo no Jack, e ele nem sabia por quê, achei que o mínimo que eu podia fazer era dizer a ele o que estava acontecendo. Quer dizer, conheço Jack desde que estávamos no jardim de infância. Ele é legal!

A questão é que eu não queria que ninguém me *visse* falando com ele. Algumas garotas, como as do grupinho da Savanna, começaram a tomar partido do Julian e dos amigos dele, e eu realmente desejava ficar neutra, porque não queria que nenhuma delas ficasse com raiva de *mim*. Eu ainda tinha esperança de que talvez, quem sabe, conseguisse entrar naquele grupo um dia. A última coisa que eu queria era fazer algo que arruinasse minhas chances com elas.

Então, um dia, antes do último tempo, passei um bilhetinho para o Jack, dizendo para ele me encontrar na sala 301 depois da aula. Ele foi. E então eu contei tudo o que estava acontecendo. Você tinha que ter visto a cara dele! Ficou vermelha como um pimentão! Sério! Pobrezinho! Nós dois concordamos que aquilo era uma *grande* idiotice! Realmente tive pena dele.

Então, quando terminamos de conversar, eu escapuli da sala sem que ninguém me visse.

Como eu queria contar a Ellie sobre a minha conversa com Jack Will

No almoço do dia seguinte, eu ia contar a Ellie que tinha conversado com Jack. Ellie e eu tivemos uma quedinha *secreta* pelo Jack Will no quarto ano, quando ele interpretou Artful Dodger em *Oliver!* e achamos que ele ficava lindo de cartola.

Fui até Ellie quando ela estava esvaziando a bandeja. Não nos sentamos mais juntas no almoço desde que ela se mudou para a mesa da Savanna, perto do Halloween. Mas eu ainda confiava nela. Éramos melhores amigas desde o primeiro ano! Isso conta muito!

— Oi — falei, cutucando-a com o ombro.

— Oi! — disse ela, me cutucando de volta.

— Por que você não foi ao coral ontem?

— Ah, não contei? — perguntou ela. — Troquei de eletiva quando voltamos do recesso. Agora estou na banda.

— Na *banda*? Sério?

— Estou tocando clarinete! — respondeu ela.

— Uau — exclamei, assentindo. — Legal.

Essa novidade foi muito surpreendente, por vários motivos.

— Mas e aí, o que você anda aprontando, Charly? Parece que mal a vejo desde que voltamos do recesso! — Ellie pegou meu pulso para conferir minha pulseira nova.

— Verdade, não é? — retruquei, embora não a tenha lembrado de que era porque ela tinha cancelado todas as vezes que planejamos nos encontrar depois da escola.

— Como vai o jogo de pontinhos da Maya?

Ellie se referia à obsessão de Maya em criar o maior jogo de pontinhos para jogar na hora do almoço. Nós meio que zoávamos

isso pelas costas dela.

— Bem — respondi, sorrindo. — Eu queria conversar com você sobre essa coisa da guerra dos meninos. É tão boba, não é?

Ela revirou os olhos.

— Está totalmente fora de controle!

— Sim — concordei. — Eu meio que tenho pena do Jack. Você não acha que o Julian deveria dar logo um fim nisso?

Ellie começou a enrolar uma mecha de cabelo no dedo. Pegou uma caixa de suco no balcão e espetou o canudinho no buraco.

— Não sei, Charly — respondeu ela. — Foi o Jack que deu um soco *nele*. O Julian tem todo o direito de estar com raiva. — Ela tomou um grande gole. — Estou começando a achar que o Jack tem sérios problemas para controlar a raiva.

Espere aí. O quê? Eu conhecia Ellie desde sempre, e a Ellie que eu conheço jamais falaria “sérios problemas para controlar a raiva”. Não que Ellie não seja inteligente, mas não é *tão* inteligente *assim*. *Sérios problemas para controlar a raiva?* Isso parecia algo que Ximena Chin diria, daquele jeito sarcástico dela. Desde que Ellie começou a andar com Ximena e Savanna, tem agido de forma cada vez mais estranha!

Espere aí! Acabei de lembrar uma coisa: Ximena toca clarinete! *Isso* explica por que Ellie mudou de eletiva! Agora tudo faz sentido!

— De todo modo — disse Ellie —, acho que não deveríamos nos envolver. É um problema dos meninos.

— É, pode ser — respondi, decidindo que seria melhor se eu não contasse a Ellie que tinha conversado com Jack.

— Está preparada para os testes de dança de hoje? — perguntou ela, alegre.

— Estou — respondi, fingindo animação. — Acho que a Sra. Atanabi vai...

— Pronta, Ellie? — perguntou Ximena Chin, que simplesmente surgiu do nada. Ela acenou na minha direção, sem nem mesmo olhar para a minha cara, e então se virou e se dirigiu à saída do refeitório.

Mesmo sem terminar o suco, Ellie jogou a caixinha no lixo, pôs a mochila no ombro direito de qualquer jeito e correu atrás da Ximena.

— Vejo você mais tarde, Charly! — murmurou quando já estava no meio do caminho.

— Até mais — respondi, vendo-a alcançar Ximena.

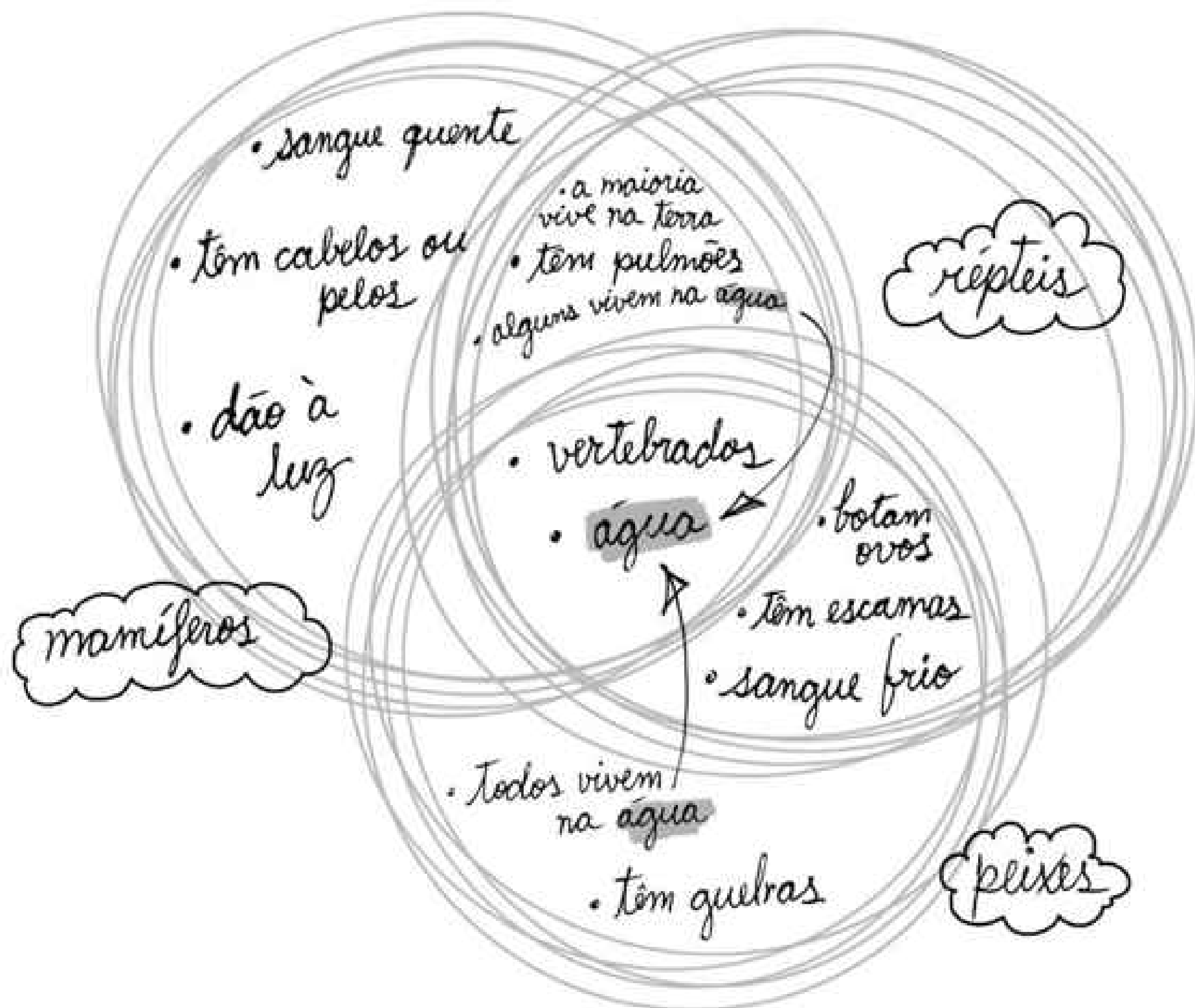
Juntas, as duas se reuniram com a Savanna e a Gretchen, uma aluna do sexto ano, que as esperavam na saída.

As quatro tinham mais ou menos a mesma altura, e todas tinham cabelos bem compridos, com cachos nas pontas. No entanto, as cores eram diferentes. O de Savanna era louro quase dourado. O de Ximena, preto. O de Gretchen era ruivo. E o de Ellie era castanho. De fato, às vezes eu me perguntava se Ellie não tinha entrado no grupo das populares por causa do cabelo, que tinha a cor e o comprimento certos para se encaixar.

Meu cabelo é louro-claro, e tão liso e reto que não haveria a menor chance de terminar em cachos sem grandes doses de laquê. E é curto. E eu sou baixinha.

Como usar diagramas de Venn (Parte 1)

Na aula de ciências da Sra. Rubin, aprendemos sobre diagramas de Venn. Os diagramas de Venn nos ajudam a visualizar as relações entre diferentes grupos. Tipo, se você quiser ver as características comuns a mamíferos, répteis e peixes, por exemplo, desenhe um diagrama de Venn e liste todos os atributos de cada um dentro de um círculo. Onde os círculos se interceptam fica o que eles têm em comum. No caso dos mamíferos, répteis e peixes, seria a espinha dorsal.



Enfim, adoro diagramas de Venn. São muito úteis para explicar muitas coisas. Às vezes eu os desenho para explicar as amizades.



Ellie e eu no primeiro ano.

Como você pode ver, Ellie e eu tínhamos muitas coisas em comum. Éramos amigas desde o primeiro dia do primeiro ano, quando a Srta. Diamond nos pôs na mesma mesa.

Eu me lembro muito bem daquele dia. Fiquei tentando falar com Ellie, mas ela era tímida e não queria conversar. Então, na hora do recreio, comecei a brincar de esqui de dedos em cima da mesa que dividíamos. Se você não sabe o que é isso, é quando você faz um V com os dedos e os desliza pela mesa lisa, como se fossem skatistas. Enfim, Ellie ficou me olhando fazer aquilo por um tempo e então começou a brincar de esqui de dedos também. Em pouco tempo, nós duas estávamos deslizando os dedos por toda a mesa. Depois disso, nos tornamos inseparáveis.



Ellie e eu agora.

Como continuei neutra

Ellie, Savanna e Ximena estavam conversando em frente aos armários do lado de fora do auditório quando eu apareci para os testes de dança depois da aula. Na mesma hora eu soube que estavam falando de mim.

— Você não está do lado *do Jack* na guerra dos meninos, está? — perguntou Savanna, fazendo cara de nojo.

Olhei para Ellie, que obviamente tinha contado parte da nossa conversa no almoço para Savanna e Ximena. Ela mordeu uma mecha de cabelo e desviou o olhar.

— Não estou do lado do Jack — falei, com calma. Abri meu armário e joguei a mochila lá dentro. — Só acho que toda essa história de guerra dos meninos é uma bobagem. *Todos* eles estão sendo uns idiotas.

— Sim, mas foi Jack que começou — disse Savanna. — Ou você acha que tudo bem ele ter dado um soco no Julian?

— Não, definitivamente não acho — respondi, pegando a roupa de dança.

— Então por que está do lado do Jack? — perguntou Savanna depressa, ainda com aquela cara de nojo.

— É porque você *gosta* dele? — provocou Ximena, com um sorriso travesso.

Ximena, que provavelmente não tinha trocado mais de trinta palavras comigo o ano inteiro, estava me perguntando se eu *gostava* do Jack?

— Não — respondi, mas senti minhas orelhas ficando vermelhas. Ergui os olhos para Ellie quando me sentei para calçar os sapatos de jazz. Ela estava enroscando outra mecha do cabelo, preparando-a para colocar na boca. Não acredito que ela contou às meninas

sobre Jack! Que traidora!

Nesse momento, a Sra. Atanabi entrou na sala, batendo palmas para chamar a atenção de todas, do jeito exagerado de sempre.

— Ok, meninas, se ainda não puseram o nome na folha de testes, por favor, façam isso agora — falou, apontando para a prancheta na mesa a seu lado. Havia umas oito garotas na fila para assinar a lista. — E, se já se inscreveram, assumam suas posições e comecem a se alongar.

— Eu assino por você — disse Ximena para Savanna, caminhando até a mesa.

— Quer que eu assine para você, Charly? — perguntou Ellie. Eu sabia que era seu jeito de ver se eu estava chateada com ela. *E eu estava!*

— Já assinei — respondi, baixinho, sem olhar para ela.

— Claro que ela já assinou — comentou Savanna depressa, revirando os olhos. — Charlotte é *sempre* a primeira a assinar.

Como (e por que) eu adoro dançar

Faço aulas de dança desde que eu tinha quatro anos. Balé. Sapateado. Jazz. Não que eu queira ser primeira bailarina quando crescer, mas é que pretendo atuar na Broadway um dia. Para isso, preciso aprender a cantar, dançar e interpretar. E é por essa razão que eu me dedico tanto às aulas de dança. E de canto. Eu as levo muito a sério, porque sei que, um dia, quando eu tiver minha grande chance, estarei preparada. E por que estarei preparada? Porque terei trabalhado pesado para isso a vida toda! As pessoas acreditam que estrelas da Broadway surgem do nada — mas não é bem assim! Elas treinam até os pés doerem! Ensaiam como loucas! Se você quer ser uma estrela, tem que estar disposta a se dedicar mais do que todo mundo para atingir seus objetivos e sonhos! Eu acredito que um sonho é como um desenho em sua mente que vai ganhando vida. Você tem que imaginá-lo primeiro. Depois tem que trabalhar muito, muito pesado para torná-lo realidade.

Então, quando Savanna diz: “Charlotte é *sempre* a primeira a assinar”, de certo modo isso é meio que um elogio, porque ela está dizendo “Charlotte está sempre preparada, e é por isso que sua dedicação dá resultados”. Mas, quando ela diz, “Charlotte é *sempre* a primeira a assinar” com aquela cara de nojo, é mais como se estivesse dizendo “Charlotte só consegue o que quer porque é a primeira da fila”. Ou pelo menos é assim que eu escuto. Como uma crítica.

Savanna é muito boa nesse tipo de crítica, tudo com os olhos e com os cantos da boca. É uma pena, porque ela não era assim. Na pré-escola, Savanna, Ellie, eu, Maya e Summer éramos todas amigas. Brincávamos juntas depois da aula. Fazíamos chá de bonecas. Foi só quando começamos o ensino fundamental —

quando ela se tornou popular — que Savanna passou a ser menos legal do que era.

Como a Sra. Atanabi apresentou sua dança

— Muito bem, meninas — disse a Sra. Atanabi, batendo palmas e acenando para que nos aproximássemos dela —, todas na pista de dança, por favor! Em suas posições. Espalhem-se. Bem, hoje vamos fazer o seguinte: vou mostrar algumas danças diferentes dos anos 1960 que gostaria que vocês praticassem. O twist. O Hully Gully. E o mambo. Só essas três. Tudo bem?

Eu me posicionei atrás da Summer, que sorriu e acenou para mim do seu jeito fofo e alegre. Quando eu era pequena e ainda gostava de fadas, achava que Summer Dawson era igualzinha a uma fada. Para mim, ela deveria ter nascido com asas violeta.

— Desde quando você gosta de dança? — perguntei a ela, porque nunca a tinha visto em uma apresentação.

Summer deu de ombros, tímida.

— Comecei a fazer aulas no verão.

— Legal! — respondi com um sorriso encorajador.

— Sra. Atanabi? — Ximena levantou a mão. — Para quê é essa audição?

— Minha nossa! — exclamou a professora, batendo a mão na testa. — É claro. Eu me esqueci de contar a vocês o que estamos fazendo aqui.

Pessoalmente, sempre adorei a Sra. Atanabi — com seus vestidos longos e floridos, seus cachecóis e seu coque bagunçado. Adoro sua eterna aparência de alguém que acabou de chegar de uma longa viagem. Gosto disso. Mas muitas pessoas acham que ela é excêntrica e estranha. O jeito como ela joga a cabeça para trás quando ri. O modo como murmura consigo mesma às vezes. Alguns já disseram que ela é igualzinha à Sra. Puff, do *Bob Esponja*. Eles a chamam pelas costas de Sra. Antanabi, o que eu acho uma

maldade inacreditável.

— Me pediram que preparasse uma apresentação para o Baile de Gala Beneficente da Beecher Prep — ela começou a explicar. — É no meio de março. Não é uma apresentação para os outros alunos. É para os pais, para o corpo docente e ex-alunos. Mas é um grande evento. Este ano vai ser no Carnegie Hall!

A sala foi tomada por um burburinho, todas ficamos animadas.

A Sra. Atanabi riu.

— Achei mesmo que vocês fossem gostar! Estou adaptando um espetáculo que coreografei faz anos e que ganhou uma atenção considerável da mídia, se querem saber. Vai ser muito divertido. Mas vai exigir bastante trabalho! O que me faz lembrar: se vocês forem escolhidas para esse espetáculo, será necessário dedicar *muito* tempo a ele! Quero deixar isso claro desde o início, meninas. Noventa minutos de ensaio depois da aula, três vezes por semana, até março. Então, se não podem se comprometer, nem façam o teste. Ok?

— Mas e se eu tiver treino de futebol? — perguntou Ruby, no meio de um *plié*.

— Meninas, às vezes é preciso fazer escolhas — respondeu a Sra. Atanabi. — Vocês não podem ter treino de futebol *e* participar do espetáculo. Simples assim. Não quero ouvir desculpas sobre dever de casa, provas nem de qualquer outro tipo. Um único ensaio perdido já é muita coisa! Lembrem-se, vocês *não* precisam fazer isso para a escola! Vocês não *têm* que estar aqui. Não vão ganhar crédito extra. Se o interesse por dançar em um dos palcos mais famosos do mundo não é o suficiente para vocês, por favor, *não* façam o teste. — Ela esticou o braço e apontou para a saída. — Não vou levar para o lado pessoal.

Todas nos entreolhamos. Ruby e Jacqueline deram um sorriso sem graça para a Sra. Atanabi, acenaram e foram embora. Eu não podia acreditar que alguém faria isso! Desistir da oportunidade de dançar no Carnegie Hall? É tão famoso quanto a Broadway!

A professora não disse nada. Depois esfregou as têmporas, como se tentasse afastar uma dor de cabeça.

— Uma última coisa — falou. — Se não forem selecionadas para

esta apresentação em particular, por favor, lembrem-se de que ainda temos o grande espetáculo de dança no show de variedades da primavera... e *todas* podem dançar nele. Então, se vocês não forem selecionadas, *não* façam suas mães me mandarem e-mails. Só tenho vaga para três garotas.

— Só *três*? — gritou Ellie, cobrindo a boca com a mão.

— Sim, *só* três — respondeu a Sra. Atanabi, soando exatamente como a Sra. Puff quando diz *Oh, Bob Esponja*.

Eu sabia o que Ellie estava pensando: *Por favor, que sejamos eu, Ximena e Savanna.*

Mas mesmo que ela desejasse isso, provavelmente sabia que não ia acontecer. A questão é: todo mundo sabe que Ximena é a melhor dançarina da escola. Ela foi selecionada para o curso intensivo da Escola Americana de Balé. Ela está *nesse* nível. Então era quase certo que Ximena conseguiria entrar.

E todo mundo sabe que Savanna foi uma das finalistas em dois campeonatos regionais no último ano e chegou perto de se classificar para o nacional — então havia uma boa chance de ela entrar também.

E todo mundo sabe que... Bem, sem querer me gabar, mas dança é a minha praia, e tenho um monte de troféus bem grandes na prateleira para provar isso.

E quanto a Ellie? Lamento, mas ela não está no mesmo nível de Ximena ou Savanna. Nem mesmo no meu. Claro, ela faz aulas de dança há muitos anos, mas sempre foi meio preguiçosa. Não sei, quem sabe se houvesse vaga para quatro garotas. Mas só com *três* ela não tem chance.

Não, me pareceu bem claro quando olhei a concorrência: as três finalistas seriam Ximena, Savanna... e eu! *Sinto muito, Ellie!*

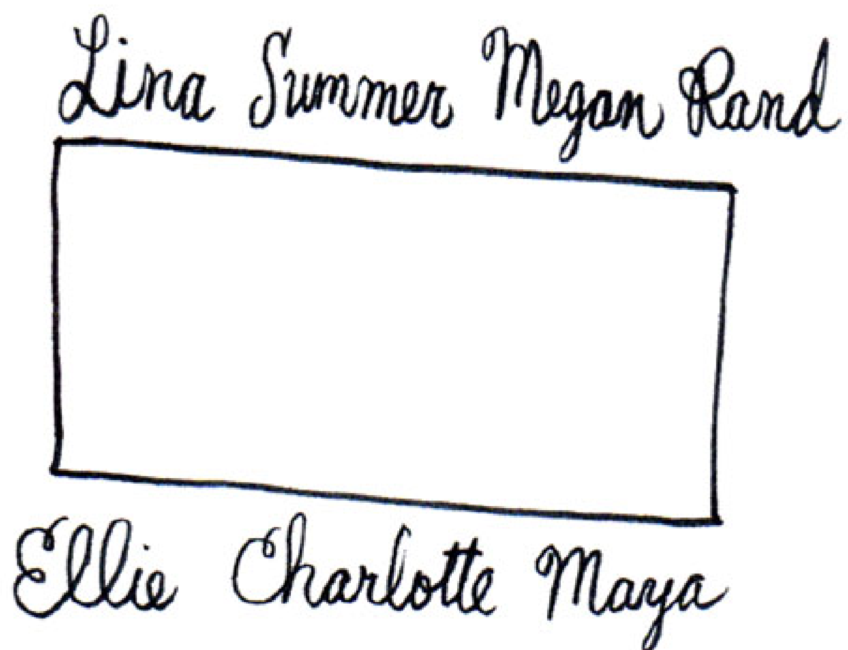
E quem sabe, apenas *quem sabe*, essa fosse a minha chance de entrar no grupo delas de uma vez por todas. Ellie poderia voltar a ser minha melhor amiga. Savanna teria Ximena. Tudo daria certo.

Twist. Hully Gully. E mambo.

Entendido.

Como usar diagramas de Venn (parte 2)

No ensino fundamental, nem sempre o grupo com quem você se senta no refeitório é o seu grupo de amigos. Tipo, é bem possível — na verdade, é *provável*! — que você acabe se sentando no almoço com um bando de amigas — mas que não necessariamente são amigas da sua *amiga*. Você pode ter ido parar nessa mesa por vários motivos: talvez não houvesse espaço na mesa das garotas com quem você de fato gostaria de se sentar. Ou talvez você tenha ido parar num grupo de meninas que estavam na mesma aula que você antes do almoço. No meu caso, foi isso o que aconteceu. No primeiro dia de aula, Maya, Megan, Lina, Rand, Summer, Ellie e eu estávamos juntas na aula de matemática avançada da Srta. Petosa. Quando tocou o sinal do almoço, descemos as escadas correndo num grande grupo, sem saber exatamente como chegar ao refeitório. Quando enfim o encontramos, todas nos sentamos juntas a uma mesa. Era como se estivéssemos brincando de dança das cadeiras, com todo mundo tentando arrumar um lugar. Em cada mesa cabiam só seis alunos, mas nós sete nos apertamos e demos um jeito.



No início, achei que fosse a mesa mais legal do refeitório! Eu estava sentada entre Ellie, minha melhor amiga desde o primeiro ano, e Maya, minha outra melhor amiga desde a pré-escola. Estava bem de frente para Summer e Megan, e também conhecia as duas desde a pré-escola, mesmo que não fôssemos exatamente grandes amigas. *E* conhecia Lina do Acampamento de Verão da Beecher Prep. A única que eu não conhecia nem um pouco era Rand, mas ela parecia bem legal. Então, de modo geral, aquela era uma mesa incrível!

Mas aí, naquele primeiro dia mesmo, Summer saiu da nossa mesa para se sentar com Auggie Pullman. Foi chocante! Num segundo estávamos todas ali, falando dele, observando-o comer. Lina fez um comentário muito cruel que não vou repetir aqui. E, no instante seguinte, sem dizer nada a *ninguém*, Summer simplesmente pegou sua bandeja e foi até ele. Foi tão inesperado! Lembro que Lina parecia estar testemunhando um acidente de carro.

— Não fique olhando! — falei.

— Não acredito que ela está *comendo* com ele — sussurrou Lina, horrorizada.

— Não é *nada* de mais — argumentei, revirando os olhos.

— Então por que *você* não está lá, almoçando com ele? — rebateu ela. — Você não é do comitê de boas-vindas?

— Isso não significa que tenho que me sentar com ele no almoço — respondi depressa, me arrependendo de ter contado a quem quer que fosse que o Sr. Buzanfa tinha me escolhido para dar as boas-vindas a Auggie. Sim, era uma honra ele ter me convidado, junto com Julian e Jack, mas eu não queria ninguém jogando isso na minha cara!

No refeitório inteiro, as pessoas estavam fazendo exatamente a mesma coisa que nós: olhando Auggie e Summer almoçarem juntos. Fazia poucas horas que as aulas tinham começado e as pessoas já estavam chamando-o de *Garoto Zumbi* e *Monstro.*

A Bela e a Fera. Era o que sussurravam sobre Summer e Auggie.

Não tinha a menor chance de eu deixar que ficassem colocando apelidos em mim pelas costas também!

— Além disso — falei para Lina, comendo uma garfada da minha salada Caesar —, eu gosto *desta* mesa. Não quero trocar.

E era verdade! Eu *gostava* daquela mesa!

Pelo menos, no começo.

Mas então, quando passei a conhecer as meninas um pouco melhor, percebi que talvez não tivéssemos tanta coisa em comum quanto eu gostaria. Lina, Megan e Rand adoravam esportes (Maya jogava futebol, mas só isso). Então havia todo aquele mundo de partidas de futebol, treinos de natação e não sei mais quais jogos sobre os quais Ellie e eu não conseguíamos conversar com elas. Além disso, todas tinham decidido entrar para a orquestra, enquanto Ellie e eu havíamos escolhido o coral. E, por último, elas simplesmente não se interessavam por um monte de coisas de que *nós* gostávamos! Não viam *The Voice* nem *American Idol.* Não ligavam para astros de cinema e filmes antigos. Nunca nem tinham visto *Os miseráveis*, pelo amor de Deus! Quer dizer, como eu poderia ter uma amizade séria com alguém que não tinha o menor interesse por *Os miseráveis*?

Mas desde que eu tivesse Ellie para conversar, e Maya ali para completar o grupo, estava tudo ótimo para mim. Nós três conversaríamos sobre o que *nós* quiséssemos do nosso lado da

mesa, e Megan, Lina e Rand falariam das coisas que *elas* quisessem do lado delas. E todas nos reuniríamos para falar dos assuntos em comum — trabalhos, dever de casa, professores, testes, a comida ruim do refeitório.

E era por isso que tudo ia bem. Até Ellie também trocar de mesa!

E agora sou só eu. E Maya.

Maya, com quem só era legal conversar quando Ellie estava por perto. Ou se você quisesse jogar um emocionante jogo de pontinhos.

Sabe, não estou zangada com Ellie por ela ter trocado de mesa. Honestamente, *não* a culpo. Desde que ouvimos dizer que Amos estava a fim dela, foi como se Ellie tivesse ganhado um passe livre para o grupo das populares. Savanna a convidou para se sentar com elas no almoço e depois deu um jeito para que Amos e Ellie se sentassem lado a lado. Foi assim que todos os "casais" se formaram. Miles e Ximena. Henry e Savanna. E, agora, Amos e Ellie. Em pares arranjados. Os garotos e as garotas populares. Era natural que todos eles ficassem juntos. Ninguém mais no nosso ano está namorando, nem *perto* disso! Sei que as garotas da *minha* mesa ainda agem como se os meninos tivessem piolhos! E, pelo que eu percebo, a maioria dos meninos age como se as meninas não existissem.

Então, sim, entendi muito bem por que Ellie trocou de mesa. De verdade. E, ao contrário de Maya, não estou megachateada com ela. É difícil quando se é convidada para uma mesa melhor. Meio que não tem volta.

Tudo o que posso fazer é sentar e esperar, conversar com Maya e desejar que um dia Savanna me chame para sentar à mesa das populares também.

Enquanto isso, desenho diagramas de Venn. E ligo muitos e muitos pontos.

Charlotte

Lina, Megan, Rand

Maya

- adora dança
- odeia esportes
- está no coral
- prefere cachorros
- não usa sutiã

- odeia dança
- ama esportes
- está na banda
- odeia musicais
- não liga tanto para notas
- prefere gatos

- pontos
- não é "popular"

- ♥ Os miseráveis
- está no quadro de honra

- está no time de futebol
- usa sutiãs esportivos

- neutra em relação à dança
- neutra em relação a esportes
- está na orquestra
- prefere vampiros

Como um novo subgrupo se formou

No dia seguinte, logo antes do almoço, este bilhete estava preso no quadro de avisos do lado de fora da biblioteca:

> Parabéns às garotas listadas abaixo! Vocês foram escolhidas para participar da apresentação dos anos 1960 da Sra. Atanabi. Postei um calendário de ensaios no site. Marquem em suas agendas! Nada de faltas. Sem desculpas. Nosso primeiro ensaio é amanhã, às 16h, no auditório. NÃO OUSEM SE ATRASAR! — Sra. Atanabi
>
> Ximena Chin
> Charlotte Cody
> Summer Dawson

Ai, meu Deus, eu passei! Eba!!!!!! Fiquei tão feliz quando li meu nome na lista! Radiante! Em êxtase! Uhuuu!!

Então éramos eu, Ximena e... *Summer*?

O quê?!?!?!? *Summer?* Isso era uma surpresa! Eu tinha tanta certeza de que seria Savanna! Quer dizer, Summer tinha acabado de entrar para a aula de dança! Ela derrotou mesmo a Savanna?

Nossa, eu podia imaginar como Savanna devia estar furiosa com isso. Aposto que fez aquela cara de nojo quando viu a lista! E Ellie? Na verdade, acho que Ellie ficou meio aliviada. Acompanhar Ximena e Savanna seria difícil para ela, e Ellie nunca foi assim *tão* apaixonada por dança. Eu meio que sempre achei que ela só gostasse porque *eu* gostava. Fiquei feliz que as coisas tivessem funcionado desse jeito. Quer dizer, mesmo agindo dessa forma, ela ainda é *minha* BFF.

E eu estava feliz por mim também! Porque, embora torcesse para

ficar um pouco mais perto do grupo da Savanna, também estava um pouco estressada imaginando se Savanna e Ximena se juntariam para me dar um gelo.

Mas ter Summer no grupo com Ximena? Ia ser incrível! Talvez a combinação da gentileza da Summer com a minha fizesse Ximena se tornar uma de nós. No mínimo, a impediria de ser a garota cruel que todos parecem achar que ela é. Não que eu a ache cruel. Na verdade, mal a conheço! Enfim, ter Summer como a terceira garota na apresentação me deixou muito feliz. Quase não consegui parar de sorrir o dia todo.

Como eu vi Savanna

No almoço, eu me espremi entre Maya e Rand, que estavam debruçadas sobre mais um dos gigantes jogos de pontos de Maya. Eles estavam ficando cada vez mais elaborados.

— E aí! — falei, alegre. — Boas notícias, meninas! Fui escolhida para a apresentação de dança dos anos 1960 da Sra. Atanabi, no baile beneficente de março! Uhuuu!!

— Uhuuu! — respondeu Maya, sem tirar os olhos do jogo de pontos. — Que ótimo, Charlotte.

— Uhuuu — repetiu Rand. — Parabéns!

— Summer também entrou.

— Ah, legal para ela — disse Maya. — Gosto da Summer. Ela é sempre tão fofa.

Rand, que estava marcando com sua inicial uma série de quadrados que havia acabado de completar, sorriu para Maya.

— Quinze! — falou.

— Argh! — resmungou Maya, trincando os dentes. Ela tinha colocado aparelho havia poucos dias e estava fazendo vários movimentos estranhos com a boca desde então.

Com um peteleco, joguei minha borracha nelas.

— Sem dúvida vocês estão no meio de uma partida bem intensa — falei, em tom sarcástico.

— Rá-rá! — disse Maya, me batendo com o ombro. — Foi tão engraçado que me esqueci de rir.

— A mesa das garotas más está toda olhando para você — informou Rand.

— O quê? — perguntei. Maya e eu nos viramos na direção em que ela estava olhando.

Mas Savanna, Ximena, Gretchen e Ellie desviaram o olhar na

hora.

— Elas *com certeza* estavam falando de você! — afirmou Maya, lançando para elas seu olhar mais sinistro por trás dos óculos de armação preta.

— Pare com isso, Maya — pedi.

— Por quê? Não me importo — respondeu ela. — Deixe que elas me vejam.

E então mostrou os dentes para elas como um tipo de furão louco.

— Pare de olhar para elas, Maya! — sussurrei, entredentes.

— Está bem.

Maya voltou a jogar seu jogo de pontos colossal com Rand, e eu me concentrei em comer meu ravióli. Em determinado momento, senti os olhos de alguém fuzilando minhas costas, então me virei para dar mais uma espiada na mesa da Savanna. Dessa vez, Ximena, Gretchen e Ellie estavam conversando, completamente alheias a mim. Mas Savanna estava me encarando! E não desviou quando nossos olhares se encontraram. Apenas ficou me encarando. Então, antes de enfim desistir, ela me deu língua. Foi tão rápido que ninguém mais poderia ter visto. E pareceu tão infantil que me recusei a acreditar!

Foi aí que me dei conta de que eu tinha me enganado antes, sobre Summer ter ficado com a terceira vaga no espetáculo da Sra. Atanabi. Eu tinha pensado que aquela vaga deveria ter sido da Savanna, *não* da Summer. Mas, para Savanna, não foi Summer que roubou o lugar dela. Fui *eu*! “Charlotte é *sempre* a primeira a assinar”, ela tinha dito.

Savanna *me* culpava por tirar o lugar que lhe era de direito na apresentação!

Como escapamos de um início constrangedor

Durante o dia seguinte, a ameaça de uma nevasca deixou todos meio tontos e inseguros, pois havia rumores de que a escola ia fechar cedo se nevasse tanto quanto a meteorologia previra. Por sorte — pois a última coisa que eu queria no mundo era que nosso primeiro ensaio fosse cancelado! —, a neve só começou a cair no fim da tarde. E nem um pouco forte. Então, depois do último sinal, fui para o auditório o mais depressa possível. Como a Sra. Atanabi tinha feito várias ameaças sobre atrasos, não fiquei surpresa que tanto Summer quanto Ximena também já estivessem lá.

Nós nos cumprimentamos antes de vestir nossas roupas de dança. Foi meio constrangedor no começo, eu acho. Nós nem andávamos juntas. Éramos de grupos diferentes, nossa própria versão do diagrama de Venn com mamíferos, répteis e peixes. Summer e eu só tínhamos uma aula em comum. E, como falei antes, eu *mal* conhecia Ximena. A conversa mais longa que tivemos havia sido em dezembro, na aula da Srta. Rubin, quando ela me perguntou — sem um pingo de remorso — se eu me importaria de trocar de dupla, para que ela ficasse com Savanna. E foi assim que acabei tendo Remo como meu parceiro no projeto da feira de ciências, mas isso é outra história que não vale a pena contar.

Começamos a fazer aquecimento e alongamento para passar o tempo. A Sra. Atanabi estava quase meia hora atrasada!

— Vocês acham que vai ser sempre assim? — perguntou Ximena, no meio de um *battement*. — A Sra. Atanabi vai sempre se atrasar?

— Ela *nunca* chega na hora para a aula de teatro — falei,

balançando a cabeça.

— Não é? — concordou Ximena. — É disso que tenho medo.

— Talvez ela apenas tenha ficado presa por causa da neve — sugeriu Summer, esperançosa. — Acho que está começando a nevar bem forte agora.

Ximena fez uma careta.

— É, talvez ela precise de um trenó — respondeu, depressa.

— Rá, rá, rá. — Dei risada.

Mas sabia que tinha soado boba.

Por favor, Deus, por favor, não permita que eu pareça boba na frente de Ximena Chin.

A verdade é que Ximena Chin me deixava um pouco nervosa. Não sei exatamente por quê. O caso é que ela era *tão* descolada, *tão* bonita, e tudo nela era *tão* perfeito. O modo como enrolava o cachecol. O modo como ficava bem de jeans. O modo como prendia o cabelo depressa num nó perfeito. Tudo era perfeito!

Eu lembro que, no momento em que Ximena entrou na Beecher Prep, nesse ano, *todo mundo* quis ser amigo dela. Inclusive eu! Tenho certeza de que ela não se lembra disso, mas fui eu que a ajudei a encontrar seu armário no primeiro dia de aula. Fui eu que emprestei um lápis para ela no terceiro tempo (que, por falar nisso, ela nunca devolveu). Mas foi Savanna que se tornou sua melhor amiga. Savanna conseguiu colar nela no primeiro nanossegundo de aula. E aí, esqueça. Foi como o Big Bang das amizades. Simplesmente explodiu num universo instantâneo de olhares cúmplices, risadinhas, roupas e segredos compartilhados.

Não havia a menor chance de se aproximar de Ximena depois disso. A verdade é que ela não fez mesmo muito esforço para se abrir para além do grupo de Savanna. Talvez sentisse que não precisava. As pessoas diziam que ela era meio metida.

Tudo o que eu realmente sabia é que ela tinha o alongamento mais impressionante que eu já tinha visto, as notas mais altas do nosso ano e era mal-humorada. O que significa que ela fazia muitos “comentários” pelas costas. Havia muitas pessoas — como Maya — que não a suportavam. Mas eu mal podia esperar para conhecê-la melhor. Para ser amiga dela, talvez! Para rir de suas tiradas

sarcásticas. Mais do que tudo, eu só queria mesmo, mesmo, *mesmo* que ela gostasse de mim!

— Espero que tudo isso valha a perda de tempo — comentou Ximena. — Quer dizer, temos tantas outras coisas para fazer esse mês! E aquele projeto da feira de ciências?

— Nem comecei o meu — falou Summer.

— Nem eu! — emendei, embora fosse uma completa mentira. Remo e eu tínhamos terminado nosso diorama de uma célula na primeira semana depois das férias de inverno.

— Só quero ter certeza de que vamos ter tempo de ensaio suficiente para essa apresentação — disse Ximena, olhando o celular. — Não quero estar no palco do *Carnegie Hall* parecendo uma *completa* idiota porque não ensaiamos o bastante... tudo porque a Sra. Atanabi é excêntrica demais para chegar na hora.

— Sabem — comecei, em tom casual —, se por acaso precisarmos de um lugar para ensaiar fora da escola, vocês podem ir até minha casa. Tenho uma parede espelhada e uma barra no porão. Minha mãe dava aulas de balé lá.

— Eu me lembro do seu porão! — disse Summer, alegre. — Você fez aquela festa de aniversário de fadinha uma vez!

— Foi no segundo ano — respondi, um pouco constrangida por ela ter mencionado fadas na frente de Ximena.

— Você mora longe daqui? — perguntou Ximena, enquanto rolava suas mensagens.

— Só dez quadras.

— Ok, me passe seu endereço por mensagem — disse ela.

— Claro! — falei, pegando meu telefone e pensando *Vou mandar meu endereço por mensagem para Ximena*, como a grande boba que sou. — Humm, desculpe, qual é o seu número?

Ela não tirou os olhos do telefone, mas estendeu a mão na frente do meu rosto, como um guarda de trânsito. Ali, escrito na vertical na lateral de sua mão, em azul-escuro e letras de forma perfeitas, estava o número de seu telefone. Digitei o número nos meus contatos e mandei meu endereço por mensagem.

— Sabem — falei, enquanto escrevia —, vocês podem ir amanhã depois da aula, se quiserem. Então podemos começar a ensaiar.

— Ok — murmurou Ximena casualmente, o que quase me fez engasgar. *Ximena Chin vai à minha casa amanhã!*

— Ah, na verdade eu *não posso* — disse Summer, estreitando os olhos num pedido de desculpas. — Vou sair com Auggie amanhã.

— Que tal na sexta, então? — sugeri.

— Não dá — respondeu Ximena. Agora ela tinha terminado de digitar e ergueu os olhos.

— Então na outra semana?

— Vamos encontrar outra oportunidade — disse Ximena, indiferente. Ela começou a passar os dedos pelos cabelos. — Esqueci que você era amiga do monstro — falou para Summer, sorrindo. — Como é isso?

Acho que ela nem estava tentando ser cruel quando disse aquilo. Simplesmente era assim que muitas pessoas automaticamente se referiam a Auggie Pullman.

Olhei para Summer. *Não diga nada*, pensei.

Mas eu sabia que ela diria.

Como ninguém fica irritado com a fadinha

Summer suspirou.

— Você poderia, por favor, não chamá-lo assim? — pediu ela, quase timidamente.

Ximena agiu como se não tivesse entendido.

— Por quê? Ele não está aqui — replicou, prendendo o cabelo num rabo de cavalo. — É só um apelido.

— É um apelido horrível — respondeu Summer. — Faz com que eu me sinta mal.

Este é o segredo de Summer Dawson: ela tem esse jeito que lhe permite dizer coisas assim, e as pessoas parecem não se importar. Se eu tivesse dito aquilo? Esqueça, as pessoas cairiam em cima de mim me chamando de certinha! Mas quando a fadinha diz, com suas sobrancelhinhas fofas arqueadas como sorrisos em sua testa, não soa como lição de moral. Ela só parece doce.

— Ah, tudo bem, sinto muito — retrucou Ximena, de olhos arregalados, se desculpando. — Não foi minha intenção ser cruel, Summer. Mas não vou voltar a chamá-lo assim, prometo.

Ela parecia estar realmente arrependida, mas havia algo em sua expressão que sempre fazia a gente se perguntar se estava mesmo sendo sincera. Acho que tinha a ver com a covinha em sua bochecha esquerda. Ela quase não podia evitar parecer travessa.

Summer olhou para ela com ar de dúvida.

— Tudo bem.

— Sinto muito mesmo — insistiu Ximena, quase como se tentasse sumir com a covinha.

Dessa vez, Summer sorriu.

— Está tudo bem, de verdade.

— Já falei uma vez e vou repetir — começou Ximena, apertando

Summer de leve. — Você é mesmo uma santa, Summer.

Por um segundo, senti uma pontada de ciúme por Ximena parecer gostar tanto assim da Summer.

— Eu *também* acho que ninguém deveria chamá-lo de monstro — falei, sem pensar.

Bem, tenho que parar e dizer algo em minha defesa — NÃO FAÇO IDEIA DO QUE ME FEZ FALAR AQUILO! Literalmente saiu, aquela sequência idiota de palavras jorrando da minha boca feito vômito! Na mesma hora eu soube que aquilo tinha me feito parecer ridícula.

— Então *você* nunca o chamou assim — comentou Ximena, erguendo uma das sobrancelhas.

Pela forma como olhava para mim, parecia que estava me desafiando a piscar.

— Eu, hum... — murmurei.

Senti minhas orelhas ficarem vermelhas.

Não, desculpe ter dito isso. Não me odeie, Ximena Chin!

— Me responda uma coisa — disse ela, depressa. — Você sairia com ele?

Isso foi tão inesperado que eu quase não soube o que dizer.

— O quê? Não! — respondi, imediatamente.

— Exato — disse ela, como se tivesse provado seu argumento.

— Mas não por causa da aparência dele — falei, envergonhada. — É só porque não temos nada em comum!

— Ah, qual é? — Ximena riu. — Claro que isso *não* é verdade.

Eu não sabia aonde ela queria chegar.

— *Você* sairia com ele? — perguntei.

— É claro que não — respondeu ela, calma. — Mas não sou hipócrita em relação a isso.

Me virei para Summer, que me lançou um olhar de *ui, essa doeu.*

— Ei, não quero ser cruel — continuou Ximena, sendo bem direta. — Mas quando você diz *Ah, eu nunca o chamaria de monstro*, está me fazendo parecer uma completa babaca, é óbvio, porque acabei de chamá-lo assim, e isso é meio irritante, porque todo mundo sabe que o Sr. Buzanfa *pediu* para você fazer parte do grupo de boas-vindas a ele e é *por isso* que você não o chama de

monstro como o resto de nós. Summer ficou amiga dele sem que ninguém a obrigasse, e por isso ela é uma santa.

— Não sou santa. — Summer se intrometeu depressa. — E não acho que Charlotte o chamaria assim, mesmo se o Sr. Buzanfa não tivesse pedido que ela fosse do comitê de boas-vindas.

— Viu? Você está sendo uma santa agora mesmo — disse Ximena.

— Eu acho que não o chamaria de monstro mesmo — falei, baixinho.

Ximena cruzou os braços. Estava me encarando com um sorriso sabichão.

— Sabe, você é mais legal com ele quando está na frente dos professores — afirmou ela, muito séria. — Já notaram.

Antes que eu pudesse responder — não que eu ao menos *soubesse* o que responder —, a Sra. Atanabi irrompeu pelas portas duplas no fim do auditório.

— Desculpem o atraso, desculpem! — anunciou, ofegante, coberta de neve.

Ela parecia um pequeno boneco de neve enquanto descia as escadas carregando quatro sacolas ridiculamente cheias.

Ximena e Summer subiram as escadas correndo para ajudá-la, mas eu me virei e fui para o corredor. Fingi que ia ao bebedouro, mas o que precisava mesmo era de um pouco de ar. Ar frio. Porque eu sentia minhas bochechas queimando, como se estivessem pegando fogo. Parecia que eu tinha acabado de levar um tapa na cara. Pela janela, pude ver que nevava muito naquele momento, e parte de mim simplesmente teve vontade de correr lá para fora e esquiar para longe.

Era assim que as *outras* pessoas me viam? Como se eu fosse essa hipócrita falsa ou algo do tipo? Ou era só a Ximena sendo aquela garota implicante de sempre?

Você é mais legal com ele quando está na frente dos professores. Já notaram.

É verdade? Notaram? Quer dizer, houve alguma vez em que fui especialmente legal com Auggie Pullman porque sabia que chegaria aos ouvidos do Sr. Buzanfa que eu estava fazendo jus ao comitê de

boas-vindas? Talvez. Não sei!

Mas, mesmo que fosse o caso, pelo menos posso dizer que *fui* legal com ele! Isso é mais do que a maioria das pessoas pode dizer! Mais do que Ximena pode dizer! Eu ainda me lembro daquela vez em que ela fez par com Auggie na aula de dança e ficou com cara de quem ia vomitar. Eu nunca fiz nada disso com Auggie!

Ok, então talvez eu *seja* um pouco mais legal com ele quando os professores estão por perto. Isso é *tão* terrível?

Já notaram? O que isso quer dizer? *Quem* notou? Savanna? Ellie? É isso que elas dizem de mim? Era disso que estavam falando no refeitório ontem, quando sem dúvida falavam de mim, a ponto de até Maya — que às vezes não tem a menor noção de relações sociais — ficar com pena de mim?

E todo esse tempo eu presumia que Ximena Chin nem soubesse quem eu era! E agora descubro que *fui notada*. Mais do que gostaria de ter sido.

Como recebi a primeira surpresa do dia

Voltei para o auditório quando a Sra. Atanabi estava terminando de se desenrolar das camadas de suas roupas de inverno. O casaco, o cachecol e o suéter estavam espalhados pelo chão, molhado da neve que ela tinha trazido para dentro.

— Ai, meu Deus, ai, meu Deus! — repetia, abanando-se com as duas mãos. — Está começando a nevar forte agora.

Ela se deixou cair no banco do piano na frente do palco e recuperou o fôlego.

— Ai, meu Deus, detesto me atrasar!

Percebi Ximena e Summer trocando olhares conspiratórios.

— Quando eu era pequena — continuou a Sra. Atanabi, falando daquele jeito tagarela dela que algumas pessoas adoravam e outras achavam maluquice —, minha mãe costumava cobrar de mim e da minha irmã um dólar toda vez que a gente se atrasava para alguma coisa. Literalmente, *toda* vez que eu me atrasava, mesmo que fosse só para o jantar, tinha que pagar um dólar para minha mãe! — Ela riu e começou a ajeitar o coque, segurando alguns grampos entre os dentes enquanto falava. — Quando só se ganha três dólares para a semana inteira, você aprende a gerenciar o tempo! Foi desse jeito que me acostumei a *detestar* atrasos!

— E mesmo assim — ressaltou Ximena, sorrindo com aquele jeitinho dissimulado — a senhora se atrasou hoje. Será que devemos cobrar um dólar de agora em diante?

— Rá, rá, rá! — A Sra. Atanabi riu com vontade, chutando as botas. — Sim, eu me atrasei, Ximena! E no fundo não é uma má ideia. Talvez eu *devesse* dar um dólar a cada uma de vocês!

Ximena meio que riu, supondo que ela estivesse brincando.

— Na verdade — continuou a Sra. Atanabi, pegando a carteira

—, acho que vou dar um dólar a *cada* uma de vocês *sempre* que me atrasar para um ensaio. De hoje em diante! Isso vai me obrigar a chegar na hora!

Summer me lançou um olhar confuso. Quando a Sra. Atanabi pegou a carteira, começamos a perceber que ela estava falando sério.

— Ah, não, Sra. Atanabi — disse Summer, balançando a cabeça. — A senhora não tem que fazer isso.

— Eu sei! Mas vou fazer! — respondeu ela, sorrindo. — Mas com uma condição. Concordo em dar a cada uma de vocês um dólar sempre que *eu* me atrasar para um ensaio se também concordarem em me dar um dólar sempre que *vocês* se atrasarem.

— Você pode fazer isso? — perguntou Ximena, incrédula. — Aceitar dinheiro das alunas?

Eu estava pensando a mesma coisa.

— Por que não? Vocês estudam numa escola particular. Podem pagar! *Provavelmente mais do que eu*. — Essa última parte foi murmurada. E então ela começou a gargalhar.

A Sra. Atanabi era meio famosa por rir das próprias piadas. Era preciso se acostumar com isso.

Ela pegou da carteira três notas novinhas de um dólar e as ergueu para que nós víssemos.

— Então, meninas, o que acham? Acordo fechado?

Ximena olhou para nós duas.

— Sei que *eu* nunca vou me atrasar — disse para a gente.

— Eu também não vou me atrasar! — afirmou Summer.

Dei de ombros, ainda incapaz de encarar Ximena.

— Nem eu — falei.

— Então, acordo fechado! — disse a Sra. Atanabi, se aproximando da gente.

— Para você, *mademoiselle* — falou para Ximena, lhe entregando uma nota novinha em folha.

— *Merci!* — agradeceu ela, dando um sorriso rápido para nós, mas eu fingi que não vi.

Depois a Sra. Atanabi caminhou até Summer e eu.

— Para você e para você — falou, entregando uma nota para

cada.

— Deus abençoe a América — respondemos ao mesmo tempo.

Espere aí. O quê?

Nós nos encaramos, de boca aberta e olhos arregalados. De repente, tudo o que tinha acontecido na última meia hora parecia ter perdido a importância — se o que eu *achava* que tinha acontecido *tivesse* mesmo acontecido.

— O homem do acordeão? — sussurrei, animada.

Summer engasgou e assentiu, alegre.

— O homem do acordeão!

Como fomos para Nárnia

É estranho como você pode conhecer uma pessoa a vida toda sem *realmente* conhecê-la. Todo esse tempo eu tenho vivido num mundo paralelo ao de Summer Dawson, uma garota gentil que conheço desde o jardim de infância e que sempre achei que parecia uma fada. Mas nunca viramos *amigas* de verdade! Por nenhuma razão em particular. Apenas foi assim. Do mesmo jeito que Ellie e eu fomos *destinadas* a ser amigas porque a Srta. Diamond nos colocou juntas no primeiro dia de aula, Summer e eu fomos *destinadas* a não nos conhecermos porque nunca fizemos as mesmas aulas. A não ser na educação física e natação, banda, concertos e coisas assim, nossos caminhos nunca se cruzaram no colégio. Nossas mães não eram amigas, então nunca fomos brincar juntas. Sim, eu a convidei para minha festa de fadinha uma vez. Mas na verdade foi porque Ellie e eu achávamos que ela parecia uma fada! E, claro, nos encontramos algumas vezes em festas do pijama de outras pessoas ou no boliche e coisas assim. Éramos amigas no Facebook. Tínhamos vários amigos em comum. Sim, éramos *colegas.*

Mas nunca fomos *amigas* de verdade.

Então, quando ela disse “Deus abençoe a América”, foi como se eu a estivesse encontrando pela primeira vez na vida. Imagine descobrir que existe outra pessoa no mundo que sabe um segredo que só você sabia! Foi como se uma ponte invisível tivesse sido instantaneamente construída entre nós. Ou como se tivéssemos esbarrado numa porta minúscula nos fundos de um guarda-roupa e um fauno tocando acordeão tivesse nos dado as boas-vindas a Nárnia.

Como recebi a segunda surpresa do dia

Antes que Summer e eu pudéssemos dizer qualquer outra coisa a respeito do homem do acordeão, a Sra. Atanabi esfregou as mãos e disse que era hora de colocar a “mão na massa”. Passamos a meia hora de ensaio que restava ouvindo a Sra. Atanabi nos passar um resumo rápido da apresentação, enquanto, de tempos em tempos, ela olhava o aplicativo do clima em seu telefone. Não chegamos a dançar de fato: apenas uns passos básicos, e fizemos algumas marcações no palco.

— Vamos começar mesmo no próximo ensaio! — ela nos garantiu. — Prometo que não vou me atrasar! Vejo vocês na sexta-feira! Se agasalhem! Cuidado ao voltarem para casa!

— Tchau, Sra. Atanabi.

— Tchau!

Assim que ela saiu, Summer e eu nos aproximamos como ímãs, falando ao mesmo tempo, animadas.

— Não acredito que você sabe de quem estou falando — comentei.

— Deus abençoe a América! — retrucou ela.

— Você tem ideia do que aconteceu com ele?

— Não! Até saí perguntando pelos arredores.

— Eu também! Ninguém sabe.

— É como se ele tivesse sumido da face da Terra!

— *Quem* sumiu da face da Terra? — perguntou Ximena, toda curiosa, olhando para a gente. Acho que, pela nossa bagunça e pelos gritinhos, parecia que algo importante tinha *acabado* de acontecer.

Eu meio que ainda estava tentando dar um gelo nela por causa do que tinha acontecido antes, então deixei Summer responder.

— Aquele senhor que tocava acordeão na Main Street. Na frente do A&P, em Moore, sabe? Um que estava sempre lá com seu cão-guia... Tenho certeza de que você já viu. Sempre que a gente deixava dinheiro no estojo do acordeão, ele dizia: “Deus abençoe a América.”

— Deus abençoe a América — falei ao mesmo tempo.

— Enfim — continuou Summer —, ele estava lá desde *sempre*, mas faz alguns meses que simplesmente sumiu.

— E ninguém sabe o que aconteceu com ele! — acrescentei. — É tipo um *mistério.*

— Espera aí, então é de um *mendigo* que vocês estão falando? — perguntou Ximena, meio que fazendo a mesma cara de nojo que Savanna faz às vezes.

— Na verdade não sei se Gordy é mendigo — respondeu Summer.

— Você sabe o nome dele? — perguntei, completamente surpresa.

— Sei — respondeu ela, sem rodeios. — Gordy Johnson.

— Como você sabe disso?

— Sei lá. Meu pai conversava com ele — disse ela, dando de ombros. — Ele era veterano de guerra, e meu pai era militar e sempre dizia *Aquele senhor é um herói, Summer. Ele serviu ao país.* Às vezes nós levávamos café e bagel para ele a caminho da escola. Minha mãe deu a parca que era do meu pai pra ele.

— Espera, era uma laranja da Canada Goose? — perguntei, apontando para ela.

— Era! — respondeu Summer, alegre.

— Eu me lembro! — gritei, segurando as mãos dela.

— Meu Deus, vocês duas estão surtando — zombou Ximena. — Tudo isso por causa de um mendigo com uma parca cor de laranja?

Summer e eu nos entreolhamos.

— É difícil explicar — disse Summer. Mas eu sabia que ela sentia o mesmo: nossa conexão por causa daquilo. Nosso laço. Era nossa versão do Big Bang.

— Ai, meu Deus, Summer! — exclamei, apertando o braço dela. — Talvez a gente possa encontrá-lo! Podemos descobrir onde ele

está e ver se está tudo bem! Se você sabe o nome dele, acho que a gente consegue achá-lo!

— Será? — perguntou Summer, os olhos dançando como sempre faziam quando ela estava superfeliz. — Eu ia *adorar*!

— Ei, ei, ei — interrompeu Ximena, balançando a cabeça. — Vocês estão falando sério? Querem ir atrás de um mendigo que mal conhecem? — Ela agia como se não acreditasse no que estava ouvindo.

— Sim — dissemos, olhando uma para a outra com alegria.

— Que mal conhece *vocês*?

— Ele vai me reconhecer! — afirmou Summer, confiante. — Ainda mais se eu disser a ele que sou a filha do sargento Dawson.

— Ele vai reconhecer você, Charlotte? — perguntou Ximena, apertando os olhos, duvidando.

— É claro que não! — respondi depressa, apenas querendo que ela parasse de falar. — Ele é cego, *idiota*!

No momento em que falei aquilo, tudo ficou em silêncio. Mesmo o aquecedor, que até então fazia um barulhão no auditório, de repente ficou quieto. Como se a sala quisesse ouvir minhas palavras ecoando no ar.

Ele é cego, idiota. Ele é cego, idiota. Ele é cego, idiota.

Outro vômito de palavras. Era quase como se eu estivesse *tentando* fazer Ximena Chin me odiar!

Esperei que ela rebatesse com uma resposta sarcástica, algo que me acertaria como um tapa invisível na cara.

Mas, em vez disso, para minha completa surpresa, ela começou a rir.

Summer começou a rir também.

— Ele é cego, *idiota*! — repetiu ela, imitando com perfeição o modo como eu falara.

— Ele é cego, *idiota*! — repetiu Ximena.

As duas caíram na gargalhada. Acho que meu olhar aterrorizado tornou tudo ainda mais engraçado. Sempre que olhavam para minha cara, elas riam ainda mais.

— Desculpe ter dito isso, Ximena — sussurrei, depressa.

Ela balançou a cabeça, secando os olhos com a palma da mão.

— Tudo bem — respondeu, tomando fôlego. — Eu meio que estava esperando.

Não havia nenhum traço de mau humor no rosto dela agora. Estava sorrindo.

— Olhe, não quis ofendê-la mais cedo — disse Ximena. — O que falei sobre Auggie. Sei que você não é legal com ele *só* na frente dos professores. Desculpe ter dito aquilo.

Eu não conseguia acreditar que ela estava se desculpando.

— Não, tudo bem — respondi, atrapalhada.

— Sério? — perguntou ela. — Não quero que você fique chateada comigo.

— Não estou!

— Às vezes acabo sendo uma completa babaca — disse ela, num tom arrependido. — Mas quero mesmo que a gente seja amiga.

— Tudo bem.

— Ooown — exclamou Summer, estendendo os braços para nós. — Venham aqui. Abraço coletivo.

Ela nos envolveu com suas asas de fada, e por alguns segundos ficamos juntas num abraço constrangedor que demorou um milésimo a mais do que deveria e terminou em mais risadas. Dessa vez, eu também estava rindo.

Essa acabou sendo a maior surpresa do dia. Não foi descobrir que as pessoas tinham me *notado*. Não foi descobrir que Summer sabia o nome do homem do acordeão.

Mas perceber que Ximena Chin, debaixo de suas várias e várias camadas de mau humor e maldade, podia ser um pouquinho doce. Quando não estava sendo um pouquinho cruel.

Como passamos a nos conhecer melhor

As semanas seguintes voaram! Foi um borrão de nevascas, ensaios de dança, projetos da feira de ciências, estudos para os testes *e* tentar resolver o mistério do que tinha acontecido com Gordy Johnson (falo mais disso depois).

A Sra. Atanabi se revelou um baita sargento! Adorável, com seu jeito fofo e desengonçado, mas *muito* exigente. Tipo, a gente *nunca* ensaiava o suficiente para ela. Treinos, treinos, treinos. *En pointe!* Shimmy! Rebolado! Balé clássico! Dança moderna! Um pouquinho de jazz! Sem sapateado! *Downbeat*! Meia-ponta! Tudo feito do jeito dela, porque ela tinha muitas peculiaridades específicas de dança. Coisas com as quais era obcecada. As danças em si não eram difíceis. O twist. Monkey. Watusi. Pony. Hitchhike. Swim. Hucklebuck. Shingaling. Difícil era fazer exatamente como ela queria. Como parte de uma coreografia maior. E em sincronia. E era nisso que gastávamos a maior parte do tempo. O modo como levantávamos os braços. Como esticávamos os dedos. Nossos giros. Nossos saltos. Tínhamos que nos esforçar muito para aprender a dançar *igual* — não apenas juntas!

A dança que passamos mais tempo treinando foi o shingaling. Era o ponto central do número da Sra. Atanabi, o que ela usava para passar de um estilo de dança para outro. Mas havia muitas variações dele — o latino, o R&B, o funk —; era difícil não confundi-los. E a Sra. Atanabi era *muito* específica sobre as características de cada um deles! Engraçado como ela podia ser tão distraída com algumas coisas — como, por exemplo, *nunca* chegar para o ensaio na hora! — e tão rígida com outras — por exemplo, Deus me livre fazer um *chassé* diagonal em vez de um lateral! *Ops, cuidado, pode ser o fim do mundo!*

A propósito, não estou dizendo que a Sra. Atanabi não era legal. Para ser justa, ela *era* superlegal. Se tivéssemos problemas com um passo novo, ela nos incentivava:

— Pequenos passos, meninas! Tudo começa com pequenos passos!

Também nos surpreendia com brownies depois de um ensaio particularmente intenso. E nos levava de carro para casa depois dos ensaios, quando nos prendia até tarde. Contava histórias engraçadas sobre outros professores. Histórias de sua vida pessoal. Como cresceu em Barrio. Como alguns de seus amigos seguiram um caminho "errado". Como assistir a *American Bandstand* havia salvado sua vida. Como tinha conhecido o marido, que também era dançarino, enquanto fez parte do Cirque du Soleil em Quebec.

— Nós nos apaixonamos fazendo *arabesques* numa corda bamba a quinze metros de altura.

Mas foi intenso. À noite, quando eu ia dormir, tinha tanta informação dançando na minha cabeça! Trechos de música. Coisas para decorar. Equações matemáticas. Listas de tarefas. A Sra. Atanabi com seu leve sotaque do leste do Harlem: *É o shingaling, querida!* Às vezes eu botava os fones de ouvido para abafar o barulho na minha cabeça.

Mas eu estava me divertindo tanto, que não mudaria nada. Porque a melhor parte de todo aquele ensaio enlouquecedor, dos treinos da Sra. Atanabi e tudo mais — *e não quero parecer brega* — era que Ximena, Summer e eu estávamos começando a nos conhecer de verdade. Ok, isso *parece* brega. Mas é verdade! Olhe, não estou dizendo que nos tornamos melhores amigas nem nada. Summer ainda andava com Auggie. Ximena ficava o tempo todo com Savanna. Eu continuava jogando pontinhos com Maya. Mas estávamos nos tornando amigas. Tipo, *amigas* de verdade.

O mau humor de Ximena, a propósito, era completamente falso. Algo que ela podia tirar sempre que quisesse. Como um cachecol que você usa até começar a pinicar seu pescoço. Quando estava com Savanna, ela usava o cachecol. Com a gente, ela o tirava. Isso não quer dizer que eu não ficava mais nervosa perto dela! Meu Deus. A primeira vez que ela foi à minha casa? Fiquei desesperada!

Estava com medo de que minha mãe me envergonhasse. De que os bichos de pelúcia na minha cama fossem cor-de-rosa demais. Estava nervosa por causa do pôster do *Big Time Rush* na porta do meu quarto. Com medo de que minha cadela, Suki, fizesse xixi nela.

Mas, claro, tudo ficou bem! Ximena foi superlegal. Disse que meu quarto era maneiro. Depois do jantar, se ofereceu para lavar a louça. Zombou de uma foto minha especialmente hilária aos três anos de idade, e ela estava certa, porque na foto eu parecia um fantoche de meia! Em algum momento daquela tarde, nem sei quando, até parei de pensar: *Ximena Chin está na minha casa! Ximena Chin está na minha casa!* E comecei a me divertir. Isso foi importante para mim, porque foi um momento decisivo, quando parei de agir como uma idiota perto dela. Sem mais vômitos de palavras. Acho que foi quando tirei meu "cachecol" também.

Enfim, fevereiro foi intenso, mas foi incrível. E, no final do mês, nos encontrávamos na minha casa todos os dias depois da aula, dançávamos de frente para a parede espelhada, nos corrigíamos, sincronizávamos nossos movimentos. Sempre que ficávamos cansadas, ou desanimadas, uma de nós dizia, com o sotaque da Sra. Atanabi:

— É o shingaling, querida! — E isso nos fazia seguir em frente.

E às vezes não ensaiávamos. Às vezes apenas ficávamos na sala de estar, perto da lareira, fazendo o dever de casa juntas. Ou conversando. Ou, de vez em quando, procurando Gordy Johnson.

Como eu prefiro finais felizes

Uma das coisas de que mais sinto falta de quando era pequena é que a maioria dos filmes que eu via tinha final feliz. Dorothy volta para o Kansas. Charlie fica com a fábrica de chocolates. Edmund se redime. Gosto disso. Gosto de finais felizes.

Mas, conforme vamos ficando mais velhos, começamos a perceber que, às vezes, as histórias *não* têm finais felizes. Às vezes, os finais inclusive são tristes. Claro, isso torna a narrativa mais interessante, porque você não sabe *o que* vai acontecer. Mas também é meio assustador.

Enfim, o motivo para eu estar falando disso é que, quanto mais procurávamos Gordy Johnson, mais eu percebia que essa história poderia *não* ter um final feliz.

Tínhamos começado nossa pesquisa simplesmente buscando o nome dele no Google. Mas descobrimos que existem centenas de Gordy Johnson. Gordon Johnson. Gordie Johnson. Há um famoso músico de jazz chamado Gordy Johnson (e concluímos que isso explicava o boato que o homem da ótica tinha ouvido sobre o *nosso* Gordy Johnson). Há políticos Gordy Johnson. Pedreiros Gordy Johnson. Veteranos de guerra. Vários obituários. A internet não faz distinção entre nomes de pessoas vivas e mortas. E sempre que clicávamos em um daqueles nomes, ficávamos aliviadas por não ser o *nosso* Gordy Johnson. Mas tristes por ser o Gordy Johnson de outra pessoa.

No início, Ximena não se envolveu na pesquisa conosco. Ela ficava fazendo o dever de casa ou trocando mensagens com Miles num canto do quarto enquanto Summer e eu nos apertávamos na frente do laptop, navegando de página em página por becos sem saída. Mas, um dia, Ximena puxou a cadeira para perto da gente e

começou a olhar por cima dos nossos ombros.

— Talvez vocês devessem tentar fazer uma pesquisa por imagem — sugeriu.

Então fizemos. Também não deu em nada. Mas, depois disso, Ximena ficou tão interessada quanto nós em descobrir o que tinha acontecido com Gordy Johnson.

Como descobri uma coisa sobre Maya

Enquanto isso, na escola, tudo corria normalmente. Tivemos a feira de ciências. Remo e eu tiramos 8,5 por nosso diorama da anatomia celular, o que foi mais do que eu esperava, considerando que dediquei o mínimo de tempo possível a esse projeto. Ximena e Savanna construíram um relógio de sol. No entanto, o mais interessante de todos provavelmente foi o de Auggie e Jack. Era uma lâmpada que funcionava com a energia de uma batata. Calculei que Auggie devia ter feito a maior parte do trabalho, pois, vamos encarar os fatos, Jack nunca foi o que chamaríamos de um "aluno talentoso", mas ele estava muito feliz por ter tirado 10. Estava tão fofo!!! Como um emoticon feliz, mas meio sem noção.



E este foi meu emoticon quando o vi:



No final de fevereiro, a guerra dos meninos tinha evoluído de verdade. Summer me atualizou sobre o que estava acontecendo, já que tinha acesso a tudo do ponto de vista de Jack e Auggie. Ao que parecia — e eu tinha jurado guardar segredo —, Julian havia começado a deixar bilhetes bem cruéis em post-its amarelos nos armários de Jack e Auggie.

Eu me senti tão mal por eles!

Maya também. Ela havia ficado obcecada com essa guerra, embora a princípio eu não entendesse por quê. Ela nunca tinha feito qualquer tentativa de ser amiga de Auggie! E sempre tratara Jack como um idiota. Tipo, na época em que Ellie e eu dizíamos que ele estava um fofo com sua cartola de Artful Dodger, Maya enfiava os dedos nos ouvidos e apertava os olhos, como se só a ideia lhe causasse repulsa. Então concluí que seu interesse na guerra dos

meninos tinha a ver com o fato de que, por mais esquisita que fosse, Maya tinha bom coração.

Foi só um dia, durante o almoço, quando a encontrei concentrada trabalhando num tipo de lista, que entendi por que ela se importava tanto. Em seu caderno, onde costumava desenhar os jogos de pontinhos, havia três colunas de minúsculos post-its com os nomes de todos os garotos da nossa série. Ela os organizava nas colunas: grupo do Jack; grupo do Julian; neutros.

— Acho que isso vai ajudar Jack a ver que ele não está sozinho nessa guerra — explicou ela.

Foi então que percebi: *Maya tem uma quedinha por Jack Will! Ownn, que fofo!*

— Legal — respondi, sem querer constrangê-la. Então eu a ajudei a organizar a lista. Discordamos em relação a alguns dos neutros. Por fim, ela cedeu. Depois copiou a lista numa folha de papel, a qual dobrou ao meio, depois em quatro, em oito e em dezesseis partes. — O que você vai fazer com isso?

— Não sei — respondeu ela, empurrando os óculos para cima, no nariz. — Não quero que caia nas mãos erradas.

— Quer que eu entregue a Summer?

— Quero.

Então dei a lista para Summer entregá-la a Jack e a Auggie. Acho que Summer pensou que eu mesma tinha feito a lista, e não a corrigi porque eu *tinha* ajudado Maya a fazê-la, então achei que estava tudo bem.

— Como está indo a dança? — perguntou Maya, com seu jeito entediado, naquele mesmo dia. Eu sabia que ela só estava tentando ser educada, já que não podia se importar menos com a apresentação. Mas ela era boa a esse ponto. Pelo menos fez um esforço para parecer interessada.

— Uma loucura!!! — respondi, dando uma mordida no meu sanduíche. — A Sra. Atanabi é completamente doida!

— Rá. A Sra. Louc-anabi — disse Maya.

— É. Essa é boa.

— Parece que você hibernou fevereiro inteiro! — comentou Maya. — Mal a vejo. Você nunca mais voltou para casa com a gente

depois da aula.

Assenti.

— Eu sei. Ultimamente temos ensaiado na hora do almoço. Mas em breve isso vai acabar. Só mais algumas semanas. O baile é no dia 15 de março.

— Tem cuidado com os idos de março — disse ela.

— Ah, é! Certo — falei, embora não tivesse a menor ideia do que ela estivesse falando.

— Então, quer ver o rascunho do meu mais novo jogo de pontinhos colossal?

— Claro — respondi, respirando fundo.

Ela pegou o caderno e embarcou numa explicação detalhada sobre como tinha parado de usar o padrão de grade para os pontos e agora estava usando um estilo de arte em giz para criar murais, e assim, quando os pontos fossem ligados, teriam um “padrão de fluxo dinâmico”. Ou algo assim. A verdade é que tive dificuldade de acompanhar o que ela estava dizendo. A única parte que com certeza ouvi foi quando ela disse:

— Ainda não trouxe meu novo jogo de pontinhos para a escola porque quero ter certeza de que você estará por aqui para jogar.

— Ah, que fofo — respondi, coçando a cabeça. Não dava para acreditar em como eu estava entediada naquele momento.

Ela começou a falar mais alguma coisa sobre os pontinhos e eu olhei para a mesa de Summer para me distrair. Ela, Jack e Auggie estavam rindo. Posso garantir uma coisa: eles não estavam falando de pontinhos. Às vezes eu queria ter coragem de ir me sentar com eles.

Então olhei para a mesa de Savanna. Todas também estavam rindo e se divertindo. Savanna. Ellie. Gretchen. *Ximena.* Todas falando dos garotos da mesa em frente a elas: Julian, Miles, Henry, Amos.

— Ela não é horrível? — comentou Maya, seguindo meu olhar.

— Ellie? — perguntei, porque era para quem eu estava olhando naquele exato momento.

— Não. Ximena Chin.

Eu me virei de frente para Maya. Sabia que ela odiava Ximena,

mas, por algum motivo, o modo como disse aquilo, com aquele tom raivoso, me surpreendeu.

— O que você tem contra ela? — perguntei. — Foi *Ellie* que nos trocou, lembra? É *Savanna* que não tem sido legal com a gente.

— Não é verdade — argumentou Maya. — Savanna sempre foi legal comigo. Nós brincávamos juntas o tempo todo quando éramos da pré-escola.

Balancei a cabeça.

— Sim, Maya, mas brincar juntas nessa época não conta. Na metade das vezes são nossas mães que marcam as coisas. Agora *nós* temos que escolher com *quem* queremos andar. E Savanna está *escolhendo* não andar com a gente. Ellie está *escolhendo* não sair com a gente. Assim como nós estamos *escolhendo* não andar com algumas pessoas. Não é nada de mais. Mas sem dúvida não é culpa da Ximena.

Maya espiou a mesa de Savanna por cima dos óculos. Enquanto eu olhava para ela, percebi que minha amiga tinha exatamente a mesma aparência de quando estava no jardim de infância, quando jogávamos peteca no parquinho ou íamos procurar fadas no parque ao pôr do sol.

De certo modo, Maya não tinha crescido muito desde então. Seu rosto, seus óculos e seu cabelo continuavam praticamente os mesmos. Ela estava mais alta agora, claro. Mas quase todo o resto era idêntico. Sobretudo as expressões. Eram exatamente as mesmas.

— Não, Ellie era legal comigo — respondeu ela, confiante. — Assim como Savanna. E a culpa é toda da Ximena Chin.

Como fevereiro também nos rendeu dinheiro!

No fim de fevereiro tínhamos conseguido trinta e seis dólares!

A Sra. Atanabi havia se atrasado para todos os ensaios.

Cada.

Um.

Deles.

Tanto que ela já chegava segurando notas de um dólar novinhas em folha, pronta para nos entregar. Ela literalmente aparecia, começava a falar, nos entregava o dinheiro sem nem prestar muita atenção e começava a aula de dança! Era quase como se esse fosse o preço da entrada. O que ela pagava para passar pela porta. Muito engraçado!

Então, em dado momento no meio do mês, ela mesma sugeriu aumentar a multa que nos pagaria por se atrasar: de um dólar para cinco. Isso, garantiu ela, definitivamente a impediria de chegar atrasada no futuro.

Mas é claro que também não funcionou. E agora, em vez de ir para o ensaio com notas de um dólar novinhas na mão, ela chegava com notas de cinco. Que ela simplesmente deixava sobre nossas mochilas junto à porta, sem dizer nada. O preço da entrada.

Fush. Fush. Fush.

— Deus abençoe a América.

Até Ximena dizia isso agora.

Como Ximena fez uma descoberta

Ascension transcende.
Por Melissa Crotts, NYT *MuseTech,* fevereiro de 1978

Ascension, que tem sua première mundial no Nelly Regina Theater, é a estreia maravilhosa da coreógrafa Petra Echevarri, recém-formada na Juilliard e vencedora do Prêmio Princesa Grace. Impressionante reinterpretação das danças da moda nos anos 1960 — vistas pelas lentes Kodachrome da infância da autora no Barrio de Nova York —, o show faz uma homenagem fascinante e alegre ao estilo estridente e interessante da década, que logo será perdido. Repleto de saltos de tirar o fôlego e passos inovadores que escondem a formação clássica da Srta. Echevarri, o espetáculo tem uma dança específica, o shingaling, e cria uma narrativa visual através da qual transita o restante da obra.

"Escolhi o shingaling como peça central do espetáculo", explica Echevarri, "porque é o único estilo de dança da época que de fato se desenvolveu com os anos, refletindo estilos musicais e gêneros de músicos e dançarinos que o interpretavam. Há muitos tipos de shingaling: latino, soul, R&B, funk, psicodélico e rock. É a única dança que liga todas as outras. O fio em comum.

"Por ter crescido nos anos 1960, a música era tudo para mim e para meus amigos. Eu não tinha dinheiro para aulas de dança. *American Bandstand* foi meu professor. Aqueles estilos de dança da era foram meu treinamento."

Echevarri só começou a ter aulas formais de dança aos doze anos, mas depois disso não havia como voltar atrás. "Assim que entrei para Artes Performáticas e para a Juilliard", lembra ela, "eu soube que podia fazer aquilo. Podia desafiar as probabilidades.

Nenhum dos meus amigos da vizinhança conseguiu. É difícil deixar a infância para trás.”

Quando questionada sobre o que a levou a escolher o shingaling como tema central, Echevarri assume um tom melancólico: “Há alguns anos, cerca de um mês antes de eu me formar na Juilliard, fui ao enterro de uma amiga de infância — uma das meninas que iam à minha casa assistir a *Bandstand*. Fazia anos que eu não a via, mas tinha ouvido falar que ela tinha seguido pelo mau caminho, se envolvido com a turma errada. Enfim, a mãe dela me viu no enterro e me disse que a filha tinha feito um presente para mim, pela minha formatura. Eu não tinha ideia do que era!”

Echevarri mostra uma fita cassete. “Essa menina tinha gravado para mim uma fita com todas as músicas de shingaling da nossa infância. Todas elas. ‘Chinatown’, de Justi Barreto. ‘Shingaling Shingaling’, de Kako and His Orchestra. ‘Sugar, Let’s Shing-A-Ling’, de Shirley Ellis. ‘I’ve Got Just the Thing’, de Lou Courtney. ‘Shing-A-Ling Time, Baby!’, de Liberty Belles. ‘El Shingaling’, de Lat-Teens. ‘Shing-A-Ling!’, de Arthur Conley. ‘Shing-A-Ling!’, de Audrey Winters. ‘Nobody but Me’, de Human Beinz. Uma lista de músicas incrível. Nem sei como ela conseguiu gravar algumas dessas. Mas, quando as ouvi, soube que ia criar uma coreografia em torno delas.”

As três dançarinas no show, todas recém-formadas pela Juilliard, trazem um vocabulário diferente para a montagem, arrastando os espectadores para uma experiência ao mesmo tempo alegre e animadora, sem qualquer sentimentalismo barato. Essa falta de artifícios se deve tanto ao arranjo das músicas, que se misturam sem deixar emendas aparentes, como à narrativa pungente de Echevarri. A dança moderna em sua melhor forma.

Como trocamos mensagens

Quinta-feira, 21h18

Ximena Chin
Vcs viram o artigo que mandei por e-mail?

Charlotte Cody
Ai! Meu! Deus! AQUELA é mesmo a Sra. Atanabi?

Ximena Chin
:) ;-O Doido, né?

Charlotte Cody
Tem ctz? Quem é Petra Echevarrrrarara?

Ximena Chin
É o nome de solteira dela. É ela! Confie em mim. Tava pesquisando sobre Gordy Johnson no Google hj, aí fiquei de saco cheio e comecei a pesquisar Petra Atanabi.

Summer Dawson
Acabei de ler o artigo. Inacreditável! É a apresentação que VAMOS FAZER!!!! Ascension!

Ximena Chin
Eu sei! Incríveeeeeeeeel!

Charlotte Cody
Ela está tão jovem e bonita naquela foto.

Summer Dawson

Own, que fofo, Ximena!

Ximena Chin
Q?????

Summer Dawson
Você estava pesquisando sobre Gordy Johnson.

Ximena Chin
É, bem, agora também fiquei curiosa. Quero saber o que aconteceu com ele.

Charlotte Cody
Eu não qria dizer isso, mas minha mãe acha que talvez ele tenha...

Summer Dawson
Ah não!!! Acho que minha mãe pensa a msm coisa.

Ximena Chin
Dsclp meninas. Eu meio que concordo...?????

Charlotte Cody
Descanse em paz Gordy Johnson?????? ☹

Summer Dawson
Nãããããõoooo!!!!!

Charlotte Cody
N acredito nisso.

Summer Dawson
Nem eu

Ximena Chin
Ok, finjam q n falei nd.

Summer Dawson
Falou o q?

Charlotte Cody
😌😌😌😌😌

Ximena Chin
Mudando completamente de assunto, vcs querem dormir na minha casa amanhã?

Charlotte Cody
Aham! Vou pedir pra minha mãe. Já volto.

Summer Dawson
Parece legal. Só a gente?

Ximena Chin
Sim. Às seis?

Summer Dawson
Ok

Charlotte Cody
Minha mãe deixou desde que seus pais estejam em casa.

Ximena Chin
Flw.

Charlotte Cody
A parte dos meus genitores que nesse momento está invadindo meu espaço pessoal e lendo minhas msgs por cima do meu ombro quer que eu termine o dever de casa, então tenho q ir. Vejo vcs amanhã! Boa noite.

Summer Dawson
Boa noite!

Ximena Chin

T+! Mal posso esperar. Bj

Como fomos à casa de Ximena Chin

Era a primeira vez que íamos à casa da Ximena. Até então, sempre ficávamos na minha ou na Summer.

Ximena morava num desses arranha-céus luxuosos do outro lado do parque. Era um prédio com porteiro, muito diferente dos apartamentos de North River Heights, aos quais eu estava acostumada, que em sua maioria eram de tijolinho ou construções pequenas de uns cem anos. O prédio era ultramoderno. O elevador abria diretamente no apartamento dela.

— Oi! — disse Ximena, nos esperando no hall.

— Oi! — respondemos.

— Uau, é lindo aqui — disse Summer, olhando ao redor enquanto deixava o saco de dormir no corredor. — Quer que a gente tire os sapatos?

— Sim, obrigada — respondeu Ximena, pegando nossos casacos. — Não dá pra acreditar que está chovendo de novo.

Deixei meu saco de dormir ao lado do de Summer e tirei minhas botas UGG. Uma mulher que eu nunca tinha visto veio da sala de estar.

— Esta é Luisa — apresentou Ximena. — Estas são Summer e Charlote. Luisa é minha babá.

— Oi — dissemos.

Luisa sorriu para nós.

— É um prazer conhecê-las! — disse ela num inglês hesitante. Depois falou algo bem depressa em espanhol para Ximena, que assentiu e respondeu com um *gracias*.

— Você fala *espanhol*? — perguntei, surpresa. Estávamos seguindo Ximena até a bancada da cozinha.

Ela riu.

— Você não sabia? *Ximena* é um típico nome espanhol. Querem beber alguma coisa?

— Achei que fosse chinês! — respondi, com sinceridade. — Água está ótimo.

— Eu também — disse Summer.

— Meu pai é chinês — explicou ela, enchendo dois copos de água na porta da geladeira. — Minha mãe é espanhola. De Madri. Eu nasci lá.

— Sério? — perguntei. — Que legal.

Ela pôs os copos d'água na nossa frente enquanto Luisa trazia uma bandeja cheia de petiscos.

— *Muchas gracias!* — disse Summer para Luisa.

— *Muchas gracias* — repeti, com meu sotaque americano terrível.

— Vocês são tão fofas — disse Ximena, mergulhando um palitinho de cenoura num potinho de homus.

— Então você cresceu em Madri? — perguntei.

Depois de dançar, de cavalos e de *Os miseráveis*, a coisa que eu mais amo no mundo é viajar. Não que eu já tivesse viajado... até então. Por enquanto só fomos para as Bahamas uma vez, Flórida e Montreal, mas meus pais estão falando em nos levar à Europa algum dia. E pretendo me tornar uma viajante profissional depois que me aposentar como estrela da Broadway.

— Não cresci lá, não — respondeu ela. — Quer dizer, passo os verões lá, com exceção do último, quando fiz o curso intensivo de balé aqui na cidade. Mas não cresci lá. Meus pais trabalham para a ONU, então eu meio que passei por vários lugares diferentes. — Ela mordeu um pedaço do palito de cenoura. *Crunch.* — Dois anos em Roma. E antes disso moramos em Bruxelas. Ficamos um ano em Dubai, quando eu tinha uns quatro anos, mas não me lembro de nada.

— Uau! — exclamou Summer.

— Isso é tão legal — falei.

Ximena bateu com a cenoura no copo em que estava bebendo.

— É ok — disse ela. — Mas também pode ser meio difícil. Ficar se mudando. Sou sempre nova na escola.

— Ah, sim — concordou Summer, sendo solidária.

— Eu sobrevivi — respondeu Ximena, sarcástica. — Não tenho do que reclamar. — Deu mais uma mordida no palito de cenoura.

— Então você fala outras línguas? — perguntei.

Ela levantou três dedos e meio para responder, pois estava de boca cheia. E depois que engoliu, explicou:

— Inglês, porque sempre estudei em colégios americanos. Espanhol. Italiano. E um pouco de mandarim por causa da minha avó.

— Isso é tão legal! — respondi.

— Você fala muito *tão legal* — observou Ximena.

— Isso não é legal — respondi, o que a fez rir.

Luisa se aproximou de Ximena e lhe fez uma pergunta.

— Luisa quer saber o que vocês gostariam de jantar — traduziu Ximena.

Summer e eu nos olhamos.

— Ah, qualquer coisa está bom — disse Summer para Luisa, num tom muito educado. — Por favor, não se incomode com isso.

Luisa ergueu as sobrancelhas e sorriu, enquanto Ximena traduzia. Então esticou a mão e beliscou a bochecha de Summer com carinho.

— ¡*Qué muchachita hermosa!* — falou. Depois se virou para mim. — *Y esta se parece a una muñequita.*

Ximena riu.

— Ela disse que você é muito bonita, Summer. E que você parece uma bonequinha, Charlotte.

Olhei para Luisa, que estava sorrindo e assentindo.

— Own! — exclamei. — Que gentil!

Então ela se afastou para começar a preparar nosso jantar.

— Meus pais vão chegar em casa por volta das oito — disse Ximena, fazendo um gesto para que a seguíssemos.

Ela nos mostrou o restante do apartamento, que parecia ter sido tirado de uma revista. Tudo era branco. O sofá. O tapete. Havia até uma mesa de pingue-pongue branca na sala de estar! Isso me deixou um pouco nervosa, com medo de acabar derramando alguma coisa sem querer, por ser estabanada — o que é um fato

reconhecido sobre mim.

Atravessamos o corredor até o quarto de Ximena, que devia ser o maior que eu já tinha visto (e nem era o quarto principal). Devia ser quatro vezes o tamanho do meu, que eu dividia com Beatrix.

Summer foi até o meio do aposento e girou devagar, observando tudo.

— Ok, este quarto é do tamanho de toda a minha sala de estar e cozinha juntas — falou.

— Uau! — exclamei, caminhando até as janelas que iam do chão ao teto. — Dá pra ver o Empire State daqui.

— Este é, tipo, o apartamento mais bonito que já vi — disse Summer, sentando-se na cadeira da escrivaninha de Ximena.

— Obrigada — falou Ximena, assentindo e olhando ao redor. Ela parecia um pouco constrangida. — Sim, quer dizer, como só estamos aqui desde o verão, ainda não me sinto em casa, mas... — Ela se jogou na cama.

Summer empurrou a cadeira de rodinhas até o gigantesco quadro de avisos atrás da mesa de Ximena, que estava totalmente coberto com pequenas fotos, imagens, citações e provérbios.

— Veja, um preceito do Sr. Browne! — disse ela, apontando para um recorte com o preceito de setembro do Sr. Browne.

— Bem, ele é meu professor favorito de todos que já tive — respondeu Ximena.

— O meu também! — falei.

— Que linda foto de você e Savanna — comentou Summer.

Eu me aproximei e olhei para o que ela estava apontando. No meio das dezenas de pequenas fotos das pessoas da vida de Ximena, a maioria das quais nós não conhecíamos, havia Ximena e Savanna em cabines fotográficas — mais Ximena e Miles, Savanna e Henry, e Ellie e Amos. Tenho que admitir que foi meio estranho ver a foto de Ellie ali. Como se eu a visse sob uma nova luz. Ela realmente tinha uma vida nova.

— Tenho que tirar uma foto de *vocês* duas para o meu mural — disse Ximena.

— Ah, qual é... — falou Summer, com seu jeito reprovador fofo de fada, apontando para uma imagem no quadro. — Ximena!

Levei um segundo para perceber que ela não tinha dito “ah, qual é” em resposta ao que Ximena dissera.

— Sinto muito — falou Ximena, com cara de culpa.

A princípio não entendi qual era o problema, já que era apenas a foto da nossa turma. Então percebi que no rosto de Auggie estava um minúsculo post-it amarelo com o desenho de uma carinha triste.

Ximena arrancou o post-it da foto.

— Foi bobeira de Savanna e das meninas — falou, em tom de desculpas.

— Isso é quase tão ruim quanto a mãe de Julian alterando a imagem no Photoshop — disse Summer.

— Foi há tanto tempo que até tinha esquecido que isso estava aí — disse Ximena. Agora eu estava tão acostumada com a covinha na sua bochecha esquerda que já não confundia mais quando ela estava falando sério e quando era brincadeira. Eu sabia que sua expressão naquela hora era mesmo de remorso. — Olhe, a verdade é que eu acho Auggie incrível.

— Mas você nunca fala com ele — argumentou Summer.

— Só porque não me sinto confortável perto dele não quer dizer que eu não o ache incrível.

Nesse momento ouvimos uma batida na porta aberta. Luisa segurava nos braços um garotinho que claramente tinha acabado de despertar de uma soneca. Ele devia ter uns três ou quatro anos e era igualzinho a Ximena, exceto pelo fato de que estava óbvio que tinha síndrome de Down.

— *¡Hola, Eduardito!* — disse Ximena, radiante. Ela estendeu os braços para o irmão mais novo, e Luisa o colocou no colo dela. — Estas são minhas amigas. *Mis amigas*. Essa é Charlotte, e essa é Summer. Diga oi. *Di hola*.

Ela pegou a mão de Eduardito e acenou para nós, e nós acenamos de volta. Eduardito, que ainda não estava completamente acordado, nos olhou sonolento enquanto Ximena cobria seu rosto de beijos.

Como brincamos de verdade ou consequência

— O dia em que descobri que meu pai tinha morrido — respondeu Summer.

Nós três estávamos deitadas em nossos sacos de dormir, no chão do quarto de Ximena. As luzes do teto estavam apagadas, mas as lâmpadas vermelhas de Natal espalhados por todo o quarto davam às paredes um brilho rosado no escuro. Nossos pijamas brilhavam, cor-de-rosa. Nossos rostos estavam rosados. Era a iluminação perfeita para contarmos segredos e falarmos de coisas sobre as quais jamais falaríamos à luz do dia. Estávamos brincando de Verdade ou Consequência, e o cartão de verdade que Summer pegara dizia: *Qual foi o pior dia da sua vida?*

Meu primeiro impulso foi colocar o cartão de volta e dizer a ela para pegar outro. Mas ela não parecia se incomodar em responder.

— Eu estava na aula da Sra. Bob quando minha mãe e minha avó foram me buscar — continuou ela, baixinho. — Achei que fossem me levar ao dentista, já que meu dente tinha caído naquela manhã. Mas no instante em que entramos no carro, minha avó começou a chorar. E então a mamãe me contou que elas tinham acabado de saber que papai havia sido morto em combate. *Papai está no céu agora*, disse ela. Então nós três choramos sem parar no carro. Lágrimas pesadas e incontroláveis. — Ela mexia no zíper do saco de dormir enquanto falava, sem olhar para a gente. — Enfim, foi o pior dia.

Ximena balançou a cabeça.

— Não consigo nem imaginar como deve ter sido — falou, em voz baixa.

— Nem eu — concordei.

— Na verdade, agora é meio que um borrão — respondeu Summer, ainda puxando o zíper. — Tipo, sinceramente, não me lembro do enterro dele. *Nadinha.* A única coisa que me lembro desse dia é do livro ilustrado de dinossauros que eu estava lendo. Tinha uma ilustração de um meteoro cruzando o céu sobre os tricératops. E me lembro de pensar que a morte do meu pai era como aquilo. Como a extinção dos dinossauros. Um meteoro atinge seu coração e muda tudo para sempre. Mas você continua aqui. Segue em frente.

Ela finalmente soltou o zíper e o puxou por completo, para fechar o saco de dormir.

— Mas, enfim... — concluiu.

— Eu me lembro do seu pai — falei.

— Sério? — perguntou ela, sorrindo.

— Ele era alto — respondi. — E tinha uma voz muito grave.

Summer assentiu, alegre.

— Minha mãe me disse que todas as mães o achavam *muito* bonito — falei.

Summer arregalou os olhos.

— Ooou — exclamou.

Ficamos em silêncio por alguns segundos. Summer começou a endireitar os bolos de cartões.

— Ok, agora é a vez de quem? — perguntou.

— Acho que é a minha — respondi, girando a roleta.

Caiu em VERDADE; peguei um cartão no bolo.

— Ah, essa é tão sem graça — declarei, e li em voz alta: — *Que superpoder você gostaria de ter e por quê?*

— É divertida — disse Summer.

— Eu ia querer voar, claro — respondi. — Poderia ir a qualquer lugar que quisesse. Passear pelo mundo. Ir a todos os lugares onde Ximena morou.

— Ah, acho que eu ia querer ser invisível — disse Ximena.

— Eu, não — respondi. — Pra quê? Pra ouvir o que todos dizem de mim pelas costas? E saber que todos acham que sou uma falsa?

— Ah, não! — Ximena riu. — Essa história de novo, não!

— Estou brincando, você sabe.

— Eu sei! Mas, para deixar claro, ninguém acha você uma falsa.

— Obrigada.

— Só fingida.

— Rá!

— Mas você *se importa* demais com o que as pessoas pensam — disse ela, meio séria.

— Eu sei — respondi, também séria.

— Ok, sua vez, Ximena — disse Summer.

Ximena girou a roleta. Caiu em VERDADE. Ela pegou um cartão, leu em silêncio e resmungou.

— *Se você pudesse sair com qualquer garoto da sua escola, com qual sairia?* — leu em voz alta. Cobriu o rosto com a mão.

— Que foi? — perguntei. — Não seria com o Miles?

Ximena começou a rir e balançou a cabeça, envergonhada.

— O quê?!?!?! — exclamamos Summer e eu, apontando para ela. — Quem? Quem? Quem?

Ximena estava rindo. Era difícil ver na luz fraca, mas tenho quase certeza de que estava ficando vermelha.

— Se eu contar, vocês vão ter que me contar *suas* paixonites secretas também! — disse ela.

— Não é justo, não é justo — respondi.

— É, sim! — insistiu ela.

— Está bem!

— Amos — respondeu, suspirando.

— Mentira! — disse Summer, boquiaberta. — A Ellie sabe?

— Claro que não! É só uma paixonite. Eu nunca tomaria nenhuma atitude em relação a isso. Além do mais, ele não está nem um pouco a fim de mim. Amos gosta mesmo da Ellie.

Pensei naquilo. Apenas alguns meses antes, Ellie e eu conversávamos sobre Jack. Ter um “namorado” parecia algo muito distante naquela época.

Ximena olhou para mim.

— Acho que sei por quem Charlotte tem uma quedinha —

cantarolou.

Cobri o rosto.

— *Todo mundo* sabe, graças a Ellie — falei.

— E você, Summer? — perguntou Ximena, cutucando a mão dela.

— É, e você, Summer? — repeti.

Summer estava sorrindo, mas fez que não com a cabeça.

— Ah, fala logo! — disse Ximena, puxando o dedinho de Summer. — Não é possível.

— Está bem. — Ela hesitou. — Reid.

— Reid? — questionou Ximena. — Quem é Reid?

— Ele está na turma do Sr. Browne com a gente! — respondi. — Um quietinho, que desenha tubarões, sabe?

— Ele não é lá muito popular — disse Summer. — Mas é muito legal. E eu o acho bonitinho.

— Ohhh! — exclamou Ximena. — Claro que sei quem é Reid, dã. Ele é *totalmente* bonitinho.

— Não *é*? — concordou Summer.

— Vocês formam um belo casal — falou Ximena.

— Talvez um dia — respondeu Summer. — Não quero formar um casal *por enquanto*.

— Foi por isso que não quis sair com o Julian? — perguntou Ximena.

— Eu não quis sair com o Julian porque ele é um idiota — respondeu Summer, depressa.

— Mas você não estava doente de verdade no Halloween, né? — perguntou Ximena. — Na festa da Savanna?

Summer balançou a cabeça.

— Eu não estava doente.

Ximena assentiu.

— Foi o que eu pensei.

— Certo, tenho uma pergunta — falei para Ximena. — Mas não está nos cartões.

— Ah! — exclamou Ximena, erguendo as sobrancelhas e sorrindo. — Tudo bem.

Hesitei.

— Ok. Quando você diz que está “saindo” com Miles, o que isso significa? Tipo, o que vocês fazem?

— Charlotte! — repreendeu Summer, batendo no meu braço com as costas da mão.

Ximena começou a rir.

— Não, só quero dizer...

— Sei o que quer dizer! — falou Ximena, segurando meus dedos. — Só significa que Miles me encontra na frente do meu armário depois da aula todo dia. E me leva ao ponto de ônibus às vezes. Andamos de mãos dadas.

— Vocês já se beijaram? — perguntei.

Ximena fez uma careta, como se estivesse chupando limão. Não estava usando as lentes de contato, mas óculos grandes com aro de casco de tartaruga, assim como um aparelho odontológico que tinha que usar à noite. Não parecia nem um pouco a Ximena Chin que costumávamos ver na escola.

— Só uma vez. Na festa de Halloween.

— Você gostou? — perguntei.

— Não sei! — respondeu ela, sorrindo. — Foi um pouco como beijar seu próprio braço. Vocês já fizeram isso? Beijem seus braços.

Summer e eu obedecemos. E então todas começamos a rir.

— Oh, Jack! — falei, fazendo barulho com os lábios enquanto beijava meu braço, subindo e descendo pelo pulso.

— Oh, Reid! — disse Summer, fazendo o mesmo.

— Oh, Miles! — disse Ximena, beijando o próprio pulso. — Quer dizer, Amos!

Caímos na gargalhada.

— *Mi hija* — disse a mãe de Ximena, batendo na porta. Ela pôs a cabeça para dentro do quarto. — Não quero que o bebê acorde. Vocês podem falar mais baixo?

— Desculpe, *mamá* — disse Ximena.

— Boa noite, meninas — falou ela, docemente.

— Boa noite! — sussurramos. — Desculpe!

— Não devemos dormir agora? — perguntei, baixinho.

— Não, vamos só falar mais baixo — disse Ximena. — Vamos, acho que agora é sua vez, Summer. Verdade ou consequência?

— Também tenho uma pergunta que não está nos cartões — disse Summer, apontando para Ximena. — Para você.

— Ops, vocês estão conspirando contra mim! — Ximena riu.

— Ainda não tivemos nenhuma consequência — comentei.

— Ok, esta é a consequência — disse Summer. — Você tem que sentar à minha mesa no almoço na segunda-feira e não pode dizer a ninguém por quê.

— Ah, fala sério! — protestou Ximena. — Não posso simplesmente mudar de mesa sem dizer por quê.

— Exatamente! — respondeu Summer. — Então escolha VERDADE.

— Está bem — disse Ximena. — Então, qual é a pergunta?

Summer olhou para ela.

— Está bem, verdade. Mesmo se Savanna, Ellie e Gretchen não tivessem ido esquiar esse fim de semana, você teria nos convidado para dormir aqui hoje?

Ximena revirou os olhos.

— Ahhh! — Ela encheu as bochechas de ar como um peixe.

— Agora você está parecendo a Sra. Atanabi — comentei.

— Vamos, verdade ou consequência — pressionou Summer.

— Está bem, está bem — disse Ximena, por fim, escondendo o rosto com as mãos. — É verdade! Provavelmente não teria. Desculpem. — Ela nos espiou por entre os dedos. — Eu *deveria* ter ido esquiar com elas no fim de semana, mas aí achei que não valia a pena correr o risco de torcer o tornozelo ou algo assim às vésperas da apresentação, então cancelei na última hora e convidei vocês para virem.

— Arrá! — disse Summer, cutucando o ombro de Ximena. — Eu sabia. Éramos seu plano B para o fim de semana.

Comecei a cutucá-la também.

— Me desculpem! — disse Ximena, rindo, porque tínhamos começado a fazer cócegas nela. — Mas isso não significa que eu não queira andar com vocês também!

— Você convidou outras meninas para dormir aqui no último mês? — perguntou Summer.

A essa altura nós estávamos fazendo muita cosquinha.

— Sim! — Ela riu. — Sinto muito. Não convidei vocês das outras vezes também. Não sou boa em misturar meus grupos de amigas! Mas vou melhorar no ano que vem, prometo.

— Você gosta *mesmo* da Savanna? — perguntei, dando-lhe uma última cutucada.

Ximena fez uma careta que, percebi, era a imitação perfeita da cara de nojo de Savanna.

Dessa vez Summer e eu começamos a rir.

— Shh! — sussurrou Ximena, movendo a mão para nos lembrar de fazer silêncio.

— Shh! — imitou Summer.

— Shh! — fiz também.

Nós nos acalmamos.

— Ok, tenho que admitir — disse Ximena, baixinho —, Savanna tem sido *bem* irritante desde que comecei a passar o tempo ensaiando com vocês. Ela ficou uma fera por não ter sido escolhida!

— Provavelmente por eu ter sido escolhida no lugar dela — disse Summer.

— Na verdade, não. Ela ficou com raiva da Charlotte — respondeu Ximena, apontando para mim com o polegar.

— Eu sabia! — falei.

Ximena inclinou a cabeça para o lado.

— Ela disse... e estas são as palavras *dela*, não *minhas*... que você sempre consegue os bons papéis nos espetáculos da Beecher Prep porque os professores sabem que você participou de comerciais de TV quando era pequena. E que você faz de tudo para ser sempre a queridinha dos professores.

— Como. É. Que. É? — falei, estupefata. — Essa é a maior loucura que já ouvi.

Ximena deu de ombros.

— Só estou contando o que ela disse para mim e para Ellie.

— Mas Ellie sabe que não é verdade — falei.

— Acredite — disse Ximena. — Ellie nunca diz nada para contrariar Savanna.

— Não entendo por que ela sempre me *odiou* — comentei,

balançando a cabeça.

— Savanna não odeia você — respondeu Summer, esticando a mão para tirar os óculos de Ximena. — No máximo, acho que ela sempre deve ter sentido ciúmes por você e Ellie serem melhores amigas.

— Sério? — duvidei. — Por quê?

Summer deu de ombros. Experimentou os óculos de Ximena.

— Bem, você sabe, você e Ellie costumavam ser meio fechadas. Acho que Savanna deve ter se sentido meio excluída.

Eu *nunca* tinha pensado nisso.

— Eu não tinha ideia de que as pessoas sentiam isso — falei. — Quer dizer, *sério*, não tinha ideia. Tem certeza? Mais alguém se sentia assim? *Você?*

Summer deixou os óculos caírem até a ponta do nariz.

— Mais ou menos. Mas eu não era da sua turma em nenhuma aula, então não me importava. Savanna era de *todas* as suas turmas.

— Uau! — exclamei, mordendo a bochecha, que é uma coisa que faço quando estou nervosa.

— Mas eu não me preocuparia com isso — disse Summer, botando os óculos de Ximena no meu rosto dessa vez. — Não importa mais. Ficam muito bem em você.

— Mas não quero que Savanna me odeie! — falei.

— Por que você se importa tanto com o que Savanna pensa? — perguntou Ximena.

— *Você* não se importa com o que ela pensa? — perguntei. — Sejamos honestas, você também fica diferente quando está perto dela.

— Isso é verdade — disse Summer, tirando os óculos do meu rosto. Ela começou a limpar as lentes com a blusa do pijama.

— Você é muito mais legal quando não está com ela — falei.

Ximena estava enrolando o cabelo com o dedo.

— Todo mundo é um pouco cruel na escola, vocês não acham? — perguntou ela.

— Não! — disse Summer, pondo os óculos de volta no rosto de Ximena.

— Nem um pouquinho? — retrucou Ximena, arqueando a sobrancelha direita.

— Não — repetiu Summer, ajeitando os óculos para que ficassem retos. — Ninguém tem que ser cruel. Nunca. — Ela se afastou para verificar os óculos.

— Bem, você acha isso porque é uma santa — provocou Ximena.

— Ai, meu Deus, se você me chamar de santa mais uma vez...! — Summer riu e jogou um travesseiro em Ximena.

— Summer Dawson, você acabou de me bater com meu travesseiro favorito de pluma de ganso branco europeu “fofura” 800, é isso mesmo? — questionou Ximena, levantando-se devagar. Ela pegou o travesseiro superfofo e o ergueu.

— Isso é um desafio? — perguntou Summer, ficando de pé e segurando seu travesseiro como um escudo.

Eu me levantei, animada, erguendo o meu também.

— Guerra de travesseiros! — exclamei, um pouco alto demais, porque estava animada.

— Shh! — murmurou Ximena, com um dedo na frente da boca para me lembrar de falar baixo.

— Guerra de travesseiro silenciosa! — sussurrei.

Passamos um longo instante nos entreolhando, para ver quem atacaria primeiro, e então começamos. Ximena acertou o travesseiro em Summer, Summer a golpeou por baixo, eu dei um grande golpe lateral em Ximena. Então Ximena veio e me atingiu pela esquerda, mas Summer girou e acertou nós duas por cima. Em pouco tempo estávamos nos atacando com mais do que apenas travesseiros: os bichos de pelúcia da cama de Ximena, toalhas, nossas roupas enroladas. E, apesar da nossa tentativa de sermos completamente silenciosas, ou talvez *por causa* dela — afinal, não tem nada mais engraçado do que tentar não rir quando se quer rir —, foi a melhor guerra de travesseiros da minha vida!

A guerra poderia ter durado muito mais tempo, mas o que acabou com ela foi a misteriosa explosão aguda de um pum que veio de alguma de nós. Isso nos fez parar na mesma hora. Ficamos olhando uma para a cara da outra, de olhos arregalados, e começamos a rir histericamente quando ninguém assumiu a culpa.

E aí, dois segundos depois, a mãe de Ximena bateu na porta de novo, ainda parecendo paciente, mas também um pouco irritada, óbvio. Já passava, e muito, da meia-noite.

Prometemos que iríamos dormir e que não faríamos mais nenhum barulho.

Estávamos sem fôlego de tanto rir. Minha barriga até doía um pouco.

Levamos um tempo para esticar nossos sacos de dormir e pôr os bichos de pelúcia no lugar. Dobramos nossas roupas e guardamos as toalhas de volta no armário.

Afofamos os travesseiros, deitamos em nossos sacos de dormir e os fechamos, então desejamos boa noite uma para a outra. Acho que eu teria dormido imediatamente, mas tive uma crise de riso, e então Summer e Ximena também começaram a rir. Ficamos tentando nos silenciar, uma cobrindo a boca da outra com as mãos.

Por fim, depois que as risadas acabaram e tudo voltou a ficar em silêncio, Ximena começou a cantar bem baixinho no escuro. A princípio, nem percebi o que ela estava cantando, de tão baixo.

No-no, no, no-no, no-no-no-no.

Então Summer continuou a música:

No, no-no, no, no, no-no, no-no, no-no

Por fim, percebi qual era a canção e entoei:

No-no-no-no, no-no, no, no-no, no!

Então nós três começamos a cantar juntas, sussurrando.

Nobody can do the shingaling
Like I do...
Nobody can do the skate
Like I do…
Nobody can do boogaloo
Like I do…

Ficamos deitadas de costas, lado a lado, enquanto cantávamos e fazíamos nossos braços e mãos dançarem em sincronia sobre nossas cabeças. Cantamos a música toda, do começo ao fim, tão silenciosamente quanto se estivéssemos na igreja rezando.

Como são nossos diagramas de Venn

Eu sei. Passo muito tempo pensando nisso. 😋



Como nunca falamos disso

Na segunda-feira, não houve qualquer menção à noite na casa de Ximena. Era como se nós três soubéssemos, instintivamente, sem que fosse preciso dizer, que, quando voltássemos para a escola, tudo seria como antes. Ximena andando com o grupo de Savanna. Summer, com seu grupinho. Eu jogando pontinhos com Maya na mesa do almoço.

Ninguém jamais imaginaria que Summer, Ximena e eu tínhamos virado amigas. Ou que apenas alguns dias antes estávamos fazendo uma guerra de travesseiros silenciosa e compartilhando segredos sob a luz rosada das lâmpadas vermelhas de Natal no quarto de Ximena.

Como não consegui evitar uma catástrofe social

Na noite anterior ao baile de gala, a Sra. Atanabi nos disse para tirar o dia de folga e descansar. Ela queria que jantássemos uma refeição saudável e tivéssemos uma boa noite de sono. Então, nos entregou nossos figurinos, que, de algum modo, ela própria dera um jeito de costurar. Nós já os havíamos experimentado na semana anterior, mas eu estava muito animada para ir para casa e experimentar o meu outra vez, agora que tinha sido ajustado. O figurino era inspirado nesta foto das Liberty Belles:



Daí, naquela tarde, depois da aula, fui para casa com Maya e Lina, como costumava fazer antes de começar a andar com Summer e Ximena o tempo todo.

Era um dos primeiros dias bons de março, quando enfim temos um sinal da primavera depois do longo e enlouquecedoramente frio inverno. Lina deu a ideia de pararmos no Carvel a caminho de casa, o que era um programa bastante “primaveril”, então subimos a Amesfort em direção ao parque. Enquanto caminhávamos, contei que Savanna vinha comentando por aí que eu só fui selecionada para a apresentação da Sra. Atanabi porque tinha feito comerciais de TV quando era pequena.

— Ninguém vai acreditar nisso — disse Lina, sendo solidária,

chutando sua bola de futebol pelo caminho.

— É horrível! — disse Maya, e eu meio que fiquei feliz por elas estarem tão chateadas com aquilo. — Não dá para acreditar que Savanna seria capaz disso! Ela era tão legal comigo na educação infantil.

— Ela nunca foi legal comigo — respondi.

— *Comigo* ela era — insistiu Maya, empurrando os óculos para o alto do nariz. — Agora ela é má. Aquele grupinho todo é mau.

Assenti. Então balancei a cabeça.

— Bem, *disso* eu não sei.

— E agora colocaram Ellie contra nós — acrescentou Maya — Sabe, Ellie já mal me cumprimenta. Agora ela também é má.

Cocei o nariz. Para Maya, era tudo preto ou branco, oito ou oitenta.

— Acho que sim.

— Estou dizendo, a culpa é da Ximena Chin — continuou Maya. — É tudo culpa dela. Se não tivesse entrado na escola este ano, tudo seria como antes. Ela que é a má influência.

Eu sabia que era assim que Maya enxergava as coisas. Esse era um dos motivos para eu nunca ter entrado em detalhes sobre a nossa apresentação. Ela não tinha percebido que éramos só eu, Summer e a terrível *Ximena Chin*. E por mim estava ótimo! Eu não queria ter que defender minha amizade com Ximena para Maya! Para ser honesta, acho que ela não teria entendido.

— Sabe o que eu mais detesto? — insistiu Maya. — É que sei que ela provavelmente vai acabar fazendo o discurso de abertura da formatura do quinto ano.

— Bem, ela tem as melhores notas — respondi, tentando soar o mais imparcial possível.

— Achei que as suas notas fossem as melhores, Charlotte — disse Lina.

— Não, são as de Ximena — interferiu Maya. Ela começou a contar nos dedos: — Ximena. Charlotte. Simon. Eu. E depois Auggie ou Remo. Na verdade, Auggie tirou notas melhores que Remo em matemática, mas não se saiu tão bem nos últimos testes de espanhol, e isso fez sua média cair.

Maya sempre sabia as notas de todo mundo. Ela mantinha planilhas de deveres de casa e pontuações de trabalhos. Você fala uma coisa e, se tiver uma nota envolvida, Maya vai perguntar quanto você tirou. E ela tem um talento incrível para se lembrar de todos esses detalhes.

— É maluquice você conseguir se lembrar das notas de todo mundo — observou Lina.

— É um dom — respondeu Maya, e nem tinha intenção de fazer graça.

— Ei, você falou para Charlotte sobre o bilhete? — perguntou Lina.

— Que bilhete? — perguntei. Como já mencionei, eu estava um pouco por fora, porque não tínhamos andado muito juntas naquelas últimas semanas.

— Ah, nada — respondeu Maya.

— Ela escreveu um bilhete para Ellie — disse Lina.

Maya olhou para mim e franziu a testa.

— Dizendo como me sinto — acrescentou, me observando por cima da armação dos óculos.

Na mesma hora tive uma sensação ruim com relação ao bilhete.

— O que você escreveu? — perguntei.

Ela deu de ombros.

— Só um bilhete.

Lina deu uma cotovelada nela.

— Deixe a Charlotte ler!

— Ela vai me dizer para não entregar! — protestou Maya, mordendo a ponta do longo cabelo cacheado.

— Pelo menos pode me *mostrar*? — perguntei, já bem curiosa. — Vamos, Maya!

Tínhamos parado na esquina da Amesfort com a rua 222, esperando o sinal abrir para a gente.

— Está bem — concordou Maya. — Vou mostrar. — Ela começou a procurar no bolso do casaco e pegou um envelope amarrotado das Uglydolls, onde estava escrito “Ellie” com caneta prateada. — Ok. Basicamente, eu queria que Ellie soubesse como me sinto com relação à mudança que ela teve este ano.

Ela entregou o envelope para mim e então assentiu para que eu o abrisse e lesse o bilhete lá dentro.

Querida Ellie,

Como uma de suas amigas mais antigas, estou escrevendo para lhe dizer que você tem agido de modo muito diferente ultimamente, e espero que pare com isso. Não a culpo. A culpa é da maldita Ximena Chin, que é uma influência negativa para você! Primeiro ela virou a cabeça da Savanna e agora está transformando você numa zumbi bonitinha, igualzinha a ela. Espero que você pare de ser amiga dela e que se lembre de todos os bons momentos que passamos juntas. Lembre-se do preceito de novembro do Sr. Browne: "Não tenha amigos que não sejam como você!" Será que podemos ser amigas de novo?

Sua ex-melhor amiga,
Maya

Dobrei o bilhete e o enfiei de volta no envelope. Ela me olhava, cheia de expectativa.

— É idiota? — perguntou.

Entreguei o envelope de volta para ela.

— Não, não é idiota — respondi. — Mas, como sua amiga, acho que você não deveria entregar a Ellie.

— Eu sabia que você ia tentar me convencer a desistir! — protestou, chateada e decepcionada com a minha reação.

— Não, não estou tentando fazer você desistir! — falei. — Se você quiser *mesmo*, deve entregar a ela. Sei que sua *intenção* é boa, Maya.

— Não estou tentando ter boas *intenções* — disse ela, zangada. — Só quero ser verdadeira!

— Eu sei — falei.

A essa altura, já tínhamos atravessado a rua e chegado ao Carvel, apenas para ver como estava supercheio lá dentro. A fila no balcão ia até a porta, e todas as mesas estavam ocupadas — em sua maior parte, por alunos da Beecher Prep.

— Todo mundo teve a mesma ideia que a gente — disse Lina, arrependida.

— Está cheio demais — falei. — Deixa pra lá.

Maya apertou meu braço.

— Olha só! Ellie está ali — disse ela.

Segui seu olhar e vi Ellie sentada com Ximena, Savanna e Gretchen — além de Miles, Henry e Amos — à mesa em frente ao balcão de bolos de aniversário, que era do outro lado da loja.

— Vamos embora — insisti, puxando Maya pelo braço. Lina já tinha começado a chutar a bola pelo quarteirão. Mas Maya ficou onde estava.

— Vou entregar o bilhete a ela — disse, devagar, a expressão muito séria. Ela segurava na mão esquerda o bilhete que eu tinha acabado de devolver e agora o agitava como se fosse uma bandeira minúscula.

— Ah, não. Não vai, não — falei, depressa, puxando a mão dela para baixo. — Pelo menos não agora.

— Por que não?

Lina voltou na nossa direção.

— Espere, você quer entregar o bilhete para ela *agora*? — perguntou, incrédula. — Na frente de *todo mundo*?

— Quero! — respondeu Maya, teimosa.

— Não! — insisti, fechando minha mão em volta do bilhete. Eu só conseguia pensar no grande papel de boba que Maya estaria fazendo. Ellie abriria o bilhete na frente de todo mundo na mesa, e todos ficariam com muita raiva das coisas que Maya dizia sobre Ximena e Savanna. Eram coisas imperdoáveis, na verdade! Mas o pior é que iam começar a rir dela. — É o tipo de coisa que você nunca vai superar, Maya — alertei. — Você vai se arrepender. Não faça isso.

Dava para ver que ela estava reconsiderando, a testa estava toda franzida.

— Você pode entregar a ela em outra hora — continuei, puxando a manga de seu casaco como Summer às vezes puxava a do meu ao falar. — Quando ela estiver sozinha. Você pode até mandar pelo correio, se quiser. Mas *não* agora, na frente de todo mundo. Eu

imploro. Acredite em mim, Maya. Seria uma catástrofe social.

Ela esfregou o rosto. O problema de Maya é que ela nunca se importou com popularidade ou catástrofes sociais. Ela é boa em organizar planilhas sobre as notas das pessoas, mas não tem ideia de como interpretar as circunstâncias sociais. Entende o básico, claro — mas, no seu mundo preto no branco, as pessoas são boas ou más. Não há meio-termo.

De certo modo, isso sempre foi uma das melhores coisas nela. Maya se aproximaria de qualquer um e presumiria que eram amigos. Ou faria algo muito legal por alguém do nada, como dar a Auggie um chaveiro de Uglydoll, como aconteceu na semana anterior.

Mas, por outro lado, isso também é muito ruim, porque Maya não tem defesa para quando as pessoas *não são* legais com ela. Não tem boas respostas. Leva tudo muito a sério. O pior, porém, é que nem sempre ela entende quando as pessoas não estão a fim de falar com ela. Ela continua falando ou fazendo perguntas até a pessoa ir embora. Foi Ellie quem resumiu isso perfeitamente alguns meses antes, quando estávamos conversando sobre como Maya às vezes consegue ser irritante:

"Maya facilita que as pessoas sejam más com ela."

E agora estava prestes a facilitar *muito* que Ellie fosse má com ela — na frente de um bando de gente tomando sorvete! Porque, apesar das minhas palavras, apesar de eu praticamente ter implorado que não fizesse isso, Maya Markowitz entrou na loja, abriu caminho pela multidão de pessoas na fila e foi até a mesa dos fundos, onde Ellie e todas aquelas garotas populares estavam sentadas.

Lina e eu assistimos da calçada do lado de fora do Carvel. Havia uma janela que ia do chão ao teto na frente, o lugar perfeito para ver o desenrolar dos acontecimentos. Por um segundo, achei que estava assistindo a um desses vídeos sobre natureza da PBS. Eu quase podia ouvir um homem com sotaque britânico narrando tudo.

Observe o que acontece quando a jovem gazela, que acabou de se desgarrar de seu bando...

Vi Maya dizer alguma coisa a Ellie, e o momento em que todo

mundo à mesa parou de falar para olhar para Maya.

...chama a atenção dos leões, que não comem há muitos dias.

Eu a vi estender o envelope para Ellie, que pareceu um pouco confusa.

— Não consigo olhar — disse Lina, fechando os olhos.

E agora os leões, famintos por carne fresca, começam a caçada.

Como me mantive neutra — de novo

Quase tudo o que eu previ que aconteceria aconteceu como eu previ. Depois de entregar o bilhete a Ellie na frente de todo mundo na mesa, Maya se virou e começou a se afastar. Ellie e o grupo de Savanna trocaram olhares debochados, e antes que Maya tivesse chegado à mesa ao lado, Savanna, Ximena e Gretchen saíram de suas cadeiras para se amontoar em volta de Ellie, que abria o envelope. Eu podia ver muito bem seus rostos enquanto liam o bilhete. Ximena prendeu a respiração por um momento, enquanto Savanna estava obviamente achando tudo hilário.

Maya continuou andando pelo salão em direção à porta, olhando para mim e para Lina. Acredite ou não, ela sorria para a gente. Dava para ver que estava mesmo muito feliz. De seu ponto de vista, estava tirando do peito algo que a vinha incomodando de verdade e, como não dava a mínima para o que o grupo das populares pensava dela, achava que não tinha nada a perder. A verdade é que elas não tinham o poder de machucar Maya, porque minha amiga estava acima disso. Era só com Ellie que ela estava chateada, porque Ellie era sua amiga. Mas Maya realmente não se importava com o que as outras garotas pensavam dela, nem que estivessem rindo da sua cara ali mesmo.

De certo modo, tenho que admitir: admiro a coragem de Maya.

Dito isso, eu sabia que a última coisa que queria naquele momento era ser vista com ela, então comecei a me afastar da vitrine antes que ela saísse. Eu não queria que Ximena, em especial, me visse ali, esperando Maya do lado de fora. Não queria que ninguém pensasse que eu tinha algo a ver com aquela loucura.

Da mesma forma que tinha ficado neutra na guerra dos meninos, eu queria ficar neutra no que poderia se tornar uma guerra entre as

garotas.

Como Ximena reagiu

Summer me mandou uma mensagem mais tarde naquele dia. *Vc soube o q a Maya fez?*

Sim, respondi.

Estou com a Ximena agora. Na minha casa. Ela tá muito chateada. Vc pode vir pra cá?

— Mãe — falei, quando estávamos nos preparando para jantar. — Posso ir na casa da Summer?

Minha mãe balançou a cabeça.

— Não.

— Por favor! É tipo uma emergência.

Ela olhou para mim.

— O que aconteceu?

— Não posso explicar agora — respondi, depressa, pegando meu casaco. — Por favor, mãe! Volto logo, prometo.

— Tem alguma coisa a ver com a apresentação? — perguntou ela.

— Mais ou menos — menti.

— Está bem, me mande uma mensagem quando chegar lá. Mas quero que esteja de volta às seis e meia.

Summer morava a apenas quatro quadras da minha casa, então cheguei lá em dez minutos. A mãe dela me recebeu.

— Oi, Charlotte, elas estão lá dentro — disse ao abrir a porta. Então pegou meu casaco.

Fui até o quarto de Summer, onde Ximena, exatamente como Summer tinha escrito na mensagem, chorava na cama. Summer estava com uma caixa de lenços nas mãos, consolando Ximena.

Elas me contaram a história toda, e fingi que não sabia de muitos detalhes. Maya havia entregado um bilhete a Ellie, na frente de todo

mundo, no qual dizia uma porção de coisas realmente “venenosas” sobre Ximena. Foi assim que elas o descreveram para mim.

— Ela me chamou de *maldita*! — disse Ximena, secando as lágrimas. — Quer dizer, o que eu fiz para Maya? Eu nem a *conheço*!

— Eu estava dizendo a Ximena que às vezes Maya não tem muito jeito com as pessoas — falou Summer, dando tapinhas nas costas de Ximena, feito uma mãe.

— Jeito com as pessoas? — repetiu Ximena. — Isso não é falta de jeito, é pura maldade! Tem ideia de como é todo mundo ler algo *tão* horrível sobre você? O bilhete rodou a mesa, e todos se revezaram para lê-lo... até os meninos. E todo mundo achou *muito engraçado*. Savanna quase fez xixi na calça de tanto rir. Eu fingi que achei engraçado também! Rá-rá. É hilário que alguém que eu mal conheço me culpe por transformar as pessoas em *zumbis*? — Ela fez um gesto de aspas ao mencionar a palavra “zumbis”. E voltou a chorar.

— Isso é horrível, Ximena — falei, mordendo a bochecha. — Sinto muito que ela tenha feito isso.

— Eu falei que nós vamos conversar com a Maya — disse Summer.

Fiquei olhando para ela.

— Para quê? — perguntei.

— Para dizer quão rude foi o que ela escreveu — respondeu Summer. — Como somos amigas da Maya, acho que podemos explicar como isso feriu os sentimentos da Ximena.

— Maya não vai se importar. Ela não vai, Ximena, acredite em mim. — Como explicar a ela? — Sinceramente, eu conheço Maya há anos, e, na cabeça dela, o bilhete não era sobre *você*. Era sobre Ellie. Ela só está chateada porque elas não andam mais juntas.

— Óbvio. Mas a culpa não é *minha*! — exclamou Ximena.

— Eu sei — falei —, mas Maya *não* sabe disso e só quer culpar alguém. Ela quer que tudo volte a ser como antes. E acha que as coisas mudaram por sua culpa.

— Isso é tão idiota! — disse Ximena.

— Eu sei — repeti. — É o mesmo que Savanna com raiva de mim por eu ter participado de um comercial de TV. Não faz sentido.

— Como sabe disso tudo? — perguntou Ximena. — Ela contou para você?

— Não!

— Você sabia do bilhete?

— Não!

Summer veio em meu socorro.

— E o que *Ellie* disse quando leu o bilhete de Maya? — perguntou.

— Ah, ela ficou uma fera. Ela e Savanna querem se vingar de Maya, postar algo supercruel sobre ela no Facebook ou coisa do tipo. Então Miles desenhou uma caricatura. Eles querem postar no Instagram.

Ximena fez um gesto com a cabeça indicando que Summer me entregasse uma folha de caderno dobrada, que eu abri. Ali estava um desenho grosseiro de uma garota (que obviamente era Maya) beijando um menino (que obviamente era Auggie Pullman). Embaixo da imagem estava escrito: “estranhos apaixonados”.

— Espere, por que vão envolver Auggie nisso? — perguntou Summer, furiosa.

— Não sei — disse Ximena. — Miles só estava tentando me fazer rir. Todos estavam rindo como se tudo isso fosse uma espécie de grande piada. Mas eu não acho nada engraçado.

— Sinto muito mesmo, Ximena — falei.

— Por que Maya me odeia? — perguntou ela, triste.

— Você tem que deixar isso pra lá — aconselhei. — E não leve para o lado pessoal. Lembra que você me disse que eu precisava parar de me importar tanto com o que as pessoas pensam de mim? Você tem que fazer o mesmo. Esqueça o que Maya pensa de você.

— Eu não pedi para fazer parte do grupo da Savanna quando entrei na Beecher Prep — disse Ximena. — Eu não conhecia ninguém, não sabia quem era amigo de quem ou quem tinha raiva de quem. Savanna foi a primeira pessoa que foi legal comigo, só isso.

— É? — retruquei, erguendo o queixo e os ombros. — Isso não é bem verdade. Eu fui legal com você.

Ximena pareceu surpresa.

— Eu também fui legal com você — acrescentou Summer.

— O que foi? Agora até vocês estão se unindo contra mim? — questionou Ximena.

— Não, de jeito nenhum — respondeu Summer. — Só tentando fazer você entender o ponto de vista da Maya, só isso. Ela não é uma garota má, Ximena. Maya não faria mal a uma mosca. Ela está zangada com Ellie, e Ellie meio que tem sido cruel com *ela* ultimamente. É isso.

— Na verdade, Ellie não foi cruel — falei. — Ela só nos trocou por vocês. E tudo bem. Não me importo. Não sou a Maya.

Ximena cobriu o rosto com as mãos.

— Todo mundo me odeia? — perguntou, olhando para a gente por entre os dedos.

— Não! — respondemos ao mesmo tempo.

— *Nós* não, com certeza — disse Summer, oferecendo uma caixa de lenços a Ximena.

Ela assoou o nariz.

— Acho que não fui *muito* legal com ela de modo geral — falou, baixinho.

— Desenhos como este não ajudam — disse Summer, devolvendo a caricatura de Miles a Ximena.

Ela o pegou e rasgou em pedacinhos.

— Quero que saibam — começou — que eu jamais postaria isso. E falei para Savanna e Ellie não se atreverem a fazer comentários maldosos sobre Maya no Facebook nem nada parecido. Eu jamais faria cyber-bullying.

— Eu sei — disse Summer. Ela estava prestes a dizer mais alguma coisa quando ouvimos uma batida na porta.

A mãe da Summer enfiou a cabeça no quarto.

— Ei, meninas — falou, com cautela. — Tudo bem?

— Tudo bem, mãe — disse Summer. — Apenas drama de meninas.

— Charlotte, sua mãe acabou de ligar. Disse que você prometeu que estaria em casa em dez minutos.

Olhei meu telefone. Já eram seis e vinte!

— Obrigada — falei para ela. E então me virei para as meninas:

— É melhor eu ir. Você vai ficar bem, Ximena?

Ela assentiu.

— Obrigada por ter vindo. Obrigada às duas por serem tão boas — disse. — Eu só queria muito conversar com alguém sobre isso, mas não podia falar com Savanna e Ellie, entendem?

Nós assentimos.

— É melhor eu ir para casa também — disse ela, se levantando.

Nós três atravessamos o corredor até a porta da frente, onde a mãe da Summer parecia estar tentando organizar os casacos.

— Por que essas carinhas tristes, meninas? — perguntou ela, animada. — Eu pensei que vocês estariam pulando de felicidade. Amanhã é o grande dia! Depois de todos os ensaios e do esforço que fizeram. Mal posso esperar para ver vocês dançando!

— Ah, sim — respondi, assentindo. Olhei para Summer e Ximena. — *É* muito empolgante.

As duas começaram a sorrir.

— Sim — disse Ximena.

— Na verdade estou meio nervosa — falou Summer. — Nunca dancei para uma plateia!

— Você só precisa fingir que eles não estão ali — respondeu Ximena. Ninguém diria que ela estivera chorando dois minutos antes.

— É um ótimo conselho — disse a mãe da Summer.

— Foi o que eu disse também! — me intrometi.

— Seus pais estarão lá, Ximena? Estou ansiosa para conhecê-los no jantar — comentou ela.

— Sim — respondeu Ximena, educada, sorrindo com a covinha a todo vapor agora.

— Todos os pais se sentarão juntos no jantar — falei. — Com a Sra. Atanabi e o marido dela.

— Que bom. Estou ansiosa para encontrar todo mundo.

— Tchau, Summer. Tchau, Sra. Dawson — disse Ximena.

— Tchau! — falei.

Descemos as escadas até o hall de entrada juntas, Ximena e eu, e depois seguimos o quarteirão em direção à Main Street, onde ela viraria à esquerda e eu, à direita.

— Está se sentindo melhor agora? — perguntei, quando paramos na esquina.

— Sim — disse ela, sorrindo. — Obrigada, Charlotte. Você tem sido uma ótima amiga.

— Obrigada. Você também.

— Não. — Ela balançou a cabeça, mexendo nas franjas do meu cachecol. Ximena ficou olhando para mim por um tempo. — Sei que eu poderia ter sido mais legal com você algumas vezes, Charlotte. — Então me abraçou. — Me desculpe.

Tenho que dizer que realmente foi incrível ouvir isso dela.

— Tudo bem — falei.

— Vejo você amanhã.

— Tchau.

Passei pelos restaurantes na Amesfort Avenue, que estavam começando a encher de novo agora que o clima estava esquentando. Não conseguia parar de pensar no que Ximena tinha acabado de dizer. Sim, ela poderia ter sido mais legal comigo algumas vezes. Será que eu poderia ter sido mais legal com outras pessoas também?

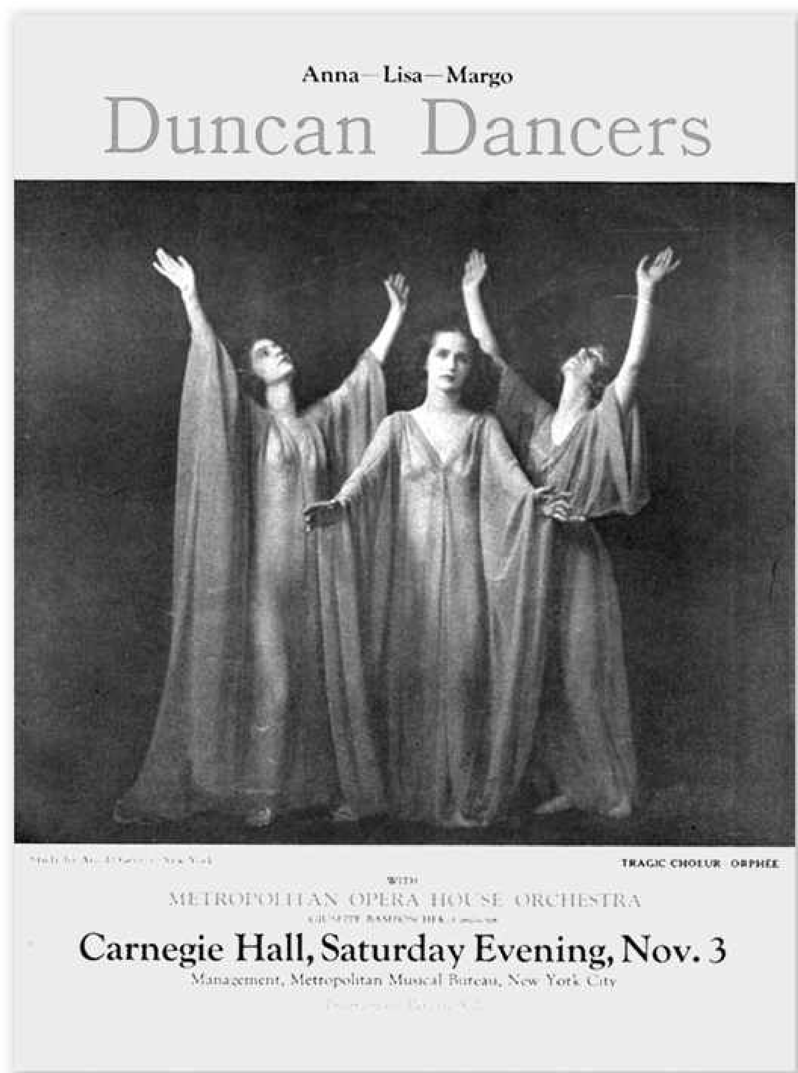
Parei no sinal do grande cruzamento. Foi quando vi as costas de um homem de parca laranja embarcando num ônibus. Com um cão preto ao lado. O cachorro usava uma bandana vermelha.

— Gordy Johnson! — gritei, correndo atrás dele assim que o sinal abriu.

Ele se virou ao ouvir seu nome, mas as portas do ônibus se fecharam às suas costas.

Como a Sra. Atanabi nos desejou sorte

Nos estúdios do último andar do Carnegie Hall, onde a Sra. Atanabi nos preparou para a apresentação, havia um corredor com fotos emolduradas e programas de alguns dos grandes dançarinos que se apresentaram lá ao longo dos anos. Enquanto passávamos por aquele corredor em direção ao camarim, a Sra. Atanabi apontou para uma das fotos. Era uma imagem das Duncan Dancers, filhas de Isadora Duncan, numa pose muito dramática, com túnicas brancas. Datava de 3 de novembro de 1923.



— Vejam, parecem vocês três! — gorjeou ela, alegre. — Fiquem na frente do pôster para eu tirar uma foto — falou, pegando o telefone e apontando a câmera para nós.

Instintivamente, posamos perto da foto, na mesma pose das dançarinas: eu à esquerda, as mãos para o alto e o rosto virado para a direita; Summer à direita, as mãos para o alto e o rosto virado para a esquerda; e Ximena no meio, os braços estendidos à frente, olhando para a câmera.

A Sra. Atanabi tirou várias fotos, até ficar satisfeita, e então tirou uma de nós quatro — porque ela estava tão animada quanto a gente essa noite. Depois, corremos às risadas para a sala no fim do

corredor, para vestir o figurino.

Não éramos as únicas a nos apresentar nessa noite. A banda de jazz e o coral dos alunos mais velhos já estavam ali. Dava para ouvir o som de trompetes, saxofones e outros instrumentos ecoando pelos corredores, e o coro fazendo aquecimento numa grande sala ao lado do nosso camarim.

A Sra. Atanabi nos ajudou com cabelo e maquiagem. Foi incrível como ela arrumou nossos cabelos com o mesmo penteado armado, alto e arredondado, com cachos na ponta voltados para cima, arrematado por uma nuvem de spray. Embora tivéssemos cabelos muito diferentes, a Sra. Atanabi conseguiu deixá-los idênticos!

Nós seríamos as últimas. A espera parecia muito longa! Ficamos o tempo todo de mãos dadas, tentando não entrar em pânico.

Quando enfim chegou nossa hora de entrar, a Sra. Atanabi nos levou até lá embaixo, nas coxias do auditório Stern. Espiamos a plateia pelas cortinas enquanto o coral terminava a última canção. Estava lotado! Não dava para distinguir o rosto de ninguém, porque estava muito escuro, mas era o maior auditório que eu já tinha visto — com balcões, arcos dourados e paredes de veludo!

A Sra. Atanabi nos fez assumir nossas posições atrás das cortinas: Ximena no meio, eu à esquerda e Summer à direita. Então nos encarou.

— Meninas, vocês se esforçaram tanto — sussurrou ela, a voz tremendo de emoção. — Jamais serei capaz de agradecer o bastante por todo o tempo que vocês dedicaram para dar vida a meu espetáculo. Sua energia, seu entusiasmo...

A voz dela falhou. Ela secou uma lágrima, animada. Se não tivéssemos lido o artigo sobre o espetáculo, poderíamos não ter entendido por que tudo aquilo era tão importante para ela. Mas sabíamos. Nunca lhe contamos que havíamos encontrado aquele artigo. Que sabíamos sobre sua amiga de infância. Concluímos que, se ela quisesse que nós soubéssemos, teria nos falado. Mas conhecer esse pedacinho da sua história de algum modo tornou a dança e tudo que tinha a ver com ela muito mais especial. Engraçado como todas as nossas histórias meio que se entrelaçam. A história de uma pessoa sempre cruza a história de outra.

— Estou tão orgulhosa de vocês, meninas! — sussurrou, beijando a testa de cada uma de nós.

A plateia estava aplaudindo o coral, que tinha terminado naquele momento. Enquanto os cantores voltavam para os bastidores pelas coxias, a Sra. Atanabi deu a volta até a frente do palco para esperar que o Sr. Buzanfa a apresentasse, e nós nos posicionamos. Ouvimos a Sra. Atanabi apresentando as bailarinas e o número que estávamos prestes a dançar.

— Está na hora, meninas! — sussurrou Ximena quando a cortina começou a subir.

Esperamos a música começar. Cinco. Seis.

Cinco-seis-sete-oito!

É o shingaling, querida!

Como nós dançamos

Eu gostaria de poder descrever cada segundo daqueles onze minutos no palco, cada movimento, cada salto. Cada *shimmy* e giro. Mas é claro que não posso. Só o que posso dizer é que foi tudo ABSOLUTAMENTE PERFEITO. Ninguém perdeu a deixa ou errou. Basicamente, por onze minutos completos, parecia que estávamos dançando três metros acima do resto do mundo. Foi a experiência mais eletrizante, empolgante, cansativa, emocionante, divertida e incrível da minha vida, e enquanto caminhávamos para o grande final, com a luz projetada para o trecho *well let me tell you nobody, nobody* antes de entrar no shingaling que era a marca da Sra. Atanabi, uma variação inventada por ela, pude sentir a energia de toda a plateia aplaudindo no ritmo da música.

Nobody, nobody,
Nobody, nobody
Nobody, nobody...

E então terminamos. Acabou. Sem fôlego, sorrindo de orelha a orelha. Aplausos estrondosos.

Nós três nos curvamos em sincronia, e depois agradecemos individualmente. A plateia assoviou e gritou.

Nossos pais estavam nos esperando com flores. E minha mãe me deu um buquê extra, que entregamos para a Sra. Atanabi quando ela subiu no palco com a gente e agradeceu. Por um segundo eu desejei que todos os alunos do quinto ano que alguma vez tinham rido pelas costas da Sra. Atanabi pudessem vê-la agora, neste momento, como eu estava vendo. Em seu lindo vestido, seu coque perfeito — ela parecia uma rainha.

Como passamos o resto da noite

Um pouco mais tarde, depois de tirar nossos figurinos, encontramos nossos pais no salão de jantar, no andar de baixo. Enquanto abríamos caminho por entre as mesas redondas cheias de professores, outros pais e um monte de adultos que não conhecíamos, as pessoas nos parabenizavam e elogiavam nossa dança. Pensei: *Ser famosa é assim*. E adorei.

Nossos pais já estavam sentados à mesa quando chegamos lá, com a Sra. Atanabi e o marido dela. Houve uma breve salva de palmas deles quando nos sentamos, e então, basicamente, passamos o resto da noite conversando sem parar, destrinchando cada segundo da dança, em que ponto estávamos nervosas, com medo de não fazer um chute em particular, quando ficamos um pouco tontas depois de um giro.

Antes de servirem o jantar, o Dr. Jansen, diretor da escola, fez um breve discurso agradecendo a todos por terem comparecido ao evento beneficente e então pediu à Sra. Atanabi, assim como às professoras do coral e da banda de jazz, que se levantassem para mais uma salva de palmas. Ximena, Summer e eu vibramos o mais alto que pudemos. Depois ele falou de outras coisas, como metas financeiras e arrecadação, e assuntos tão chatos que eu mal podia esperar que acabasse. Mais tarde, depois que terminamos a salada, o Sr. Buzanfa fez um discurso sobre a importância de apoiar as artes na Beecher Prep, para que a escola pudesse continuar a nutrir o tipo de "talento" a que todos assistiram naquela noite. E dessa vez pediu que os alunos que haviam se apresentado se levantassem para mais uma salva de palmas. Ao redor do salão, as crianças da banda de jazz e do coral ficaram de pé com vários graus de disposição e timidez. Nós três, porém, não tínhamos o menor traço

de timidez ao nos levantar para mais uma salva de palmas. O que eu posso dizer?

Manda ver!

Quando o café estava sendo servido, os discursos já tinham acabado e as pessoas começaram a caminhar e interagir. Vi um casal se aproximar da nossa mesa, mas não consegui lembrar quem eram eles até Summer pular do assento para abraçá-los. Então eu soube. Os pais de Auggie. Eles deram um beijo na mãe da Summer e então deram a volta na mesa para vir a mim e a Ximena.

— Vocês estavam incríveis, meninas — disse a mãe de Auggie, docemente.

— Muito obrigada — respondi, com um sorriso.

— Você deve estar muito orgulhosa delas — falou o pai de Auggie para a Sra. Atanabi, que estava ao lado de Summer.

— Estou! — respondeu ela, radiante. — Elas se esforçaram tanto!

— Parabéns de novo, meninas — disse a mãe de Auggie, apertando de leve meu ombro antes de ir até a mãe da Summer.

— Mande um oi para Auggie por mim — gritei.

— Mandaremos.

— Espere, eram os pais do *Auggie*? — perguntou Ximena, baixinho. — Eles parecem astros de cinema.

— Eu sei — sussurrei de volta.

— O que vocês estão cochichando aí? — perguntou Summer, entrando no meio de nós.

— Ximena não sabia que eles eram os pais do Auggie — expliquei.

— Ah, os pais dele são *muito* legais — disse Summer.

— É realmente irônico — falou Ximena. — Eles são tão bonitos.

— Você já viu a irmã mais velha do Auggie? — perguntei. — Ela é *super*bonita. Poderia ser modelo. É uma loucura.

— Uau — exclamou Ximena. — Acho que pensei, não sei, que todos meio que se pareciam com Auggie.

— Não — falou Summer, com gentileza. — É como com seu irmão. Ele simplesmente nasceu assim.

Ximena assentiu lentamente.

Então pude ver que, por mais esperta que ela fosse, nunca tinha pensado nas coisas desse modo.

Como peguei no sono — finalmente!

Chegamos em casa bem tarde naquela noite. Eu estava supercansada enquanto tirava a maquiagem e me preparava para dormir. Mas aí, não sei por quê, não consegui pegar no sono. Todos os acontecimentos da noite se abatiam sobre mim como ondas fracas. Eu me sentia como se estivesse num barco, balançando com a maré. Minha cama flutuava num oceano.

Depois de quase meia hora rolando de um lado para o outro, peguei meu telefone da mesinha de cabeceira, onde estava carregando.

Alguém acordada?

Escrevi para Summer e Ximena.

Passava da meia-noite. Com certeza elas estavam dormindo.

Só queria q soubessem q acho vcs as 2 pessoas + incríveis do mundo e fico feliz q a gente tenha sido tão amigas nesses meses. Sempre vou me lembrar desta noite. É o shingaling, querida!

Coloquei o telefone de volta na mesinha de cabeceira e dei golpes de caratê no meu travesseiro para que ele ficasse confortável. Fechei os olhos, esperando que o sono viesse. Quando eu enfim estava adormecendo, ouvi o barulhinho de uma nova mensagem.

Não era de Ximena nem de Summer. Por mas incrível que parecesse, era da Ellie.

Oi, Charly, tenho certeza q vc está dormindo, mas meus pais

acabaram de chegar do baile e disseram q vcs foram absoluta e incrivelmente maravilhosas. Tô orgulhosa de vc. Queria ter ido ver vc dançar. Vc merece. Vamos tentar nos encontrar depois da aula na semana que vem. Saudade.

Parece bobeira, mas a mensagem dela me deixou muito feliz, e lágrimas encheram meus olhos na mesma hora.

Mto obrigada, Ellie!

Tb queria q vc estivesse lá. Adoraria encontrar vc semana que vem. Saudade tb. Boa noite.

Como Maya foi surpreendida e surpreendeu a todos nós

Na manhã seguinte, acordei me sentindo muito cansada e minha mãe me deixou levantar mais tarde. Vi que tanto Ximena quanto Summer tinham me mandado mensagem assim que acordaram.

Ximena Chin
Sinto a mesma coisa, Charlotte. Que noite!

Summer Dawson
Eu <3 vcs!

Não respondi porque sabia que elas estavam em aula. Perdi os três primeiros tempos e não vi nenhuma das duas até o almoço. Summer, como sempre, estava sentada com Auggie e Jack. E Ximena, como sempre, estava na mesa de Savanna. Por uma fração de segundo, eu estava indo dar oi para Ximena, mas a imagem de Maya de pé na frente daquele mesmo grupo ainda estava fresca em minha memória — e eu não queria dar a Ximena nem mesmo uma pontinha de chance de me desapontar com qualquer coisa que não fosse um oi amigável.

Então, acenei para ela e para Summer enquanto caminhava até minha mesa de sempre e me sentava ao lado de Maya. As meninas na minha mesa me perguntaram como tinha sido a noite anterior — algumas ficaram sabendo pelos próprios pais —, mas eu as poupei de muitos detalhes porque sabia que elas perderiam o interesse em trinta segundos. E foi exatamente o que aconteceu.

Não que eu pudesse culpá-las, na verdade.

A única coisa em que pensavam — na verdade, a *única* coisa

sobre a qual elas queriam falar — era o bilhete que Maya havia entregado a Ellie na Carvel. Aquele bilhete — que a essa altura já tinha sido lido em voz alta ou citado por quase metade dos alunos do quinto ano — acabou sendo o ingresso da Maya para um tipo de popularidade que ela nunca tinha experimentado. As pessoas estavam falando dela. As crianças mostravam quem ela era para alunos curiosos do sexto ano que também tinham ouvido falar do bilhete.

— Hoje sou a rainha dos perdedores! — disse a própria Maya.

Percebi que ela se sentia triunfante. Gostava da atenção que estava recebendo.

Eu tinha a intenção de dizer a ela como o bilhete tinha magoado Ximena e a feito chorar. Mas, por mais que pareça estranho, eu também não queria estragar a festa de Maya.

— Ei, você! — disse Summer, me dando uma cotovelada para que eu chegasse para o lado.

— Ei! — falei, surpresa por vê-la ali. Olhei para a mesa dela, mas Auggie e Jack já tinham ido embora.

— Oi, Summer — disse Maya, ansiosa. — Você ouviu falar do meu bilhete?

Summer sorriu e respondeu:

— Sim, ouvi!

— Você gostou? — perguntou Maya.

Notei que Summer também não queria ferir os sentimentos de Maya, então hesitou em responder.

— Onde estão Auggie e Jack? — interferi.

— Trabalhando em alguns bilhetes ultrassecretos para deixar no armário de Julian — respondeu ela.

— Um bilhete tipo o meu? — perguntou Maya.

Summer balançou a cabeça.

— Acho que não. Bilhetes de amor de alguém chamada Beulah.

— Quem é Beulah? — indaguei.

Summer riu.

— É muito difícil explicar.

Notei que Ximena estava nos observando do outro lado do refeitório. Sorri para ela, que retribuiu. Em seguida, para minha

surpresa, ela se levantou e foi até nossa mesa.

Todo mundo na mesa parou de falar assim que a viu parada ali. Sem que fosse preciso pedir, Megan e Rand se afastaram e Ximena se sentou entre elas, de frente para Maya, Summer e eu.

Maya estava em choque. Seus olhos estavam arregalados e ela parecia quase assustada. Eu não tinha ideia do que ia acontecer.

Ximena entrelaçou as mãos diante de si, inclinou-se para a frente e olhou diretamente para Maya.

— Maya — começou —, só quero pedir desculpas se alguma vez eu disse ou fiz qualquer coisa que insultou você. Nunca foi minha intenção. Na verdade, acho você uma pessoa muito legal, superinteligente e interessante, e espero mesmo que a gente possa ser amiga de agora em diante.

Maya piscou, mas não disse nada. Ela estava, literalmente, de boca aberta.

— Enfim — disse Ximena, parecendo um pouco tímida agora —, só queria lhe dizer isso.

— Isso é tão gentil da sua parte, Ximena — disse Summer, sorrindo.

Ximena olhou para nós com aquela covinha no rosto.

— É o shingaling, querida! — disse ela, o que nos fez sorrir.

Então, tão depressa quanto tinha se sentado com a gente, ela se levantou e voltou para sua mesa. Espiei pelo canto do olho e vi Ellie e Savanna a observando. Assim que ela se sentou, as duas se aproximaram para ouvir o que ela tinha a dizer.

— Isso foi tão legal da parte dela, não foi? — comentou Summer para Maya.

— Estou chocada — respondeu Maya, tirando os óculos para limpá-lo. — Totalmente chocada.

Summer me lançou um olhar cúmplice.

— Maya, o que aconteceu com aquele jogo de pontinhos gigante que você estava fazendo? — perguntei.

— Ah, ele está aqui — respondeu ela, animada. — Eu falei que estava guardando para jogar quando você pudesse. Por quê? Quer jogar agora?

— Sim! — respondi. — Quero.

— Eu também — disse Summer.

Maya engasgou, pegou sua mochila e tirou dela um tubo de papel dobrado em três e um pouco amassado na parte de cima. Nós a observamos desdobrá-lo e estender com cuidado a folha de papel, que ocupou a mesa inteira. Quando a folha estava completamente aberta, todas olhamos para ela. Impressionadas.

Não havia um centímetro quadrado do papel gigantesco que não estivesse coberto de pontinhos. Linhas de pontos desenhados com perfeição e igualmente espaçados. Mas não *apenas* pontos. Lindos padrões conectados por espirais. Linhas onduladas que terminavam em espirais, ou flores ou raios de sol. Lembrava uma tatuagem, a forma como a tinta azul cobre por completo o braço de alguém, de um jeito que não se sabe onde uma tatuagem termina e outra começa.

Era o jogo de pontinhos mais incrivelmente lindo que eu já tinha visto.

— Maya, isso é incrível — falei, devagar.

— Sim! — disse ela, alegremente. — Eu sei!

Como algumas coisas mudaram e outras não

Aquela foi a última vez que Summer, Ximena e eu nos sentamos juntas a uma mesa de almoço. Ou qualquer mesa, aliás. Voltamos para nossos respectivos grupos. Ximena com Savanna. Summer e Auggie. Eu e Maya.

E, honestamente, por mim tudo bem.

Claro, talvez parte de mim — a parte que adora finais felizes — desejasse que as coisas tivessem mudado. Ximena e Ellie trocariam de mesa de repente e passariam a se sentar comigo, assim como Summer. Talvez, juntas, nós déssemos origem a uma nova mesa, com Jack, Auggie e Reid — e Amos! — na mesa ao lado da nossa.

Mas a verdade é que eu sabia que as coisas não mudariam muito. Sabia que seria como depois da noite na casa de Ximena. Como se tivéssemos feito uma viagem secreta juntas. Uma viagem da qual ninguém mais ficasse sabendo. E quando voltássemos de nossa jornada, cada uma fosse para sua casa. Algumas amizades são assim. Talvez até as melhores amizades fossem assim. As conexões estão sempre ali. Apenas são invisíveis aos olhos.

E é por isso que Savanna não tinha ideia de que Summer e eu conhecíamos sua amiga Ximena tão bem. E por que Maya não entendia o efeito que seu bilhete teve em mim e em Summer. Ou por que Auggie não sabia nada sobre *qualquer* coisa que estava acontecendo.

— Ele tem seus próprios problemas com que se preocupar — disse Summer certa vez, quando explicou por que ela nunca contara a Auggie que tinha sido selecionada para a apresentação da Sra. Atanabi. — Ele não precisa saber de todo esse drama das meninas.

Não quero dizer que não *houve* algumas mudanças.

À medida que nos aproximávamos dos últimos meses do quinto ano, percebi que Ximena estava fazendo um esforço maior para se relacionar com outras garotas além do grupinho das “populares”. E agora, quando ela me vê no corredor, sempre me dá um oi caloroso — independentemente de estar ou não com Savanna. E embora Ellie e Maya nunca tenham se acertado, Ellie e eu nos encontramos depois da aula algumas vezes. Não que fosse como antes, claro. Mas já é alguma coisa, e vou aceitar.

Pequenos passos, como a Sra. Atanabi diria. Tudo começa com pequenos passos.

E a verdade é que, mesmo se Ximena, Savanna e Ellie de repente me *convidassem* para me sentar à mesa delas, eu não iria mais. Não pareceria certo. Em primeiro lugar, eu não queria receber um bilhete zangado de Maya, nem que ela me mostrasse os dentes do outro lado da sala. Mas, acima de tudo, porque eu tinha percebido algo no dia que ela desenrolou seu magnífico jogo de pontinhos na mesa do almoço: Maya tem sido minha amiga nos altos e baixos. Minha amiga *mesmo*. Todos esses anos. Do seu jeito desajeitado, leal e ligeiramente irritante. Ela nunca me julgou. Sempre me aceitou. E aquele grupo de meninas na minha mesa, aquelas com quem eu não tinha nada em comum? Bem, adivinhe só? Temos uma mesa em comum! E um jogo de pontinhos lindo que jogamos no almoço, com as canetas de cores diferentes que Maya designou a cada uma de nós. Que temos que usar, ou ela fica muito zangada.

Mas a Maya é assim. E isso nunca vai mudar.

Como falei com o Sr. Buzanfa

No último dia de aula, a assistente do Sr. Buzanfa, Sra. Garcia, me procurou no sétimo tempo e perguntou se eu poderia ir falar com ele logo depois da aula. Maya ouviu e começou a rir.

— Ops, Charlotte está em apuros — cantarolou.

Mas nós duas sabíamos que não era isso, e que provavelmente tinha a ver com a premiação do dia seguinte. Todos deduziam que eu fosse ganhar a medalha Beecher porque tinha organizado a campanha do agasalho, e em geral a medalha era entregue ao aluno que tinha feito mais serviços comunitários.

Bati na porta do Sr. Buzanfa depois do sinal do último tempo.

— Entre, Charlotte — disse ele, entusiasmado, fazendo sinal para que eu me sentasse na cadeira em frente à sua mesa.

Sempre adorei o escritório do Sr. Buzanfa. Tinha todos aqueles quebra-cabeças divertidos na beirada da mesa, e trabalhos de arte das crianças de todos os anos emoldurados e pendurados nas paredes. Na mesma hora notei o autorretrato de Auggie como um pato exposto atrás da escrivaninha.

E de repente entendi sobre o que era aquela reunião.

— Então, animada com a cerimônia de formatura de amanhã? — perguntou ele, cruzando as mãos sobre a mesa.

Assenti.

— Mal posso acreditar que o quinto ano está acabando! — respondi, incapaz de conter a alegria.

— É difícil mesmo acreditar, não é? Tem planos para o verão?

— Vou para o acampamento de dança.

— Que legal! Vocês três foram incríveis no evento de março. Pareciam dançarinas profissionais. A Sra. Atanabi ficou muito impressionada com o esforço de vocês e como trabalharam bem

juntas.

— É, foi muito divertido — falei, animada.

— Que ótimo — disse ele, sorrindo. — Fico feliz que tenha sido um bom ano para você, Charlotte. Você merece. Tem sido uma presença alegre nesse colégio, e admiro como é sempre gentil com todos. Não pense que coisas assim passam despercebidas.

— Obrigada, Sr. Buzanfa.

— O motivo para eu querer dar uma palavrinha com você antes de amanhã — começou ele —, e espero que isso fique entre nós, é que eu sei que *você* sabe que, dentre as muitas honras que entregarei amanhã, uma é a medalha Beecher.

— O senhor vai dá-la ao Auggie — disparei. — Certo?

Ele pareceu surpreso.

— Por que diz isso?

— Todo mundo está presumindo que eu vou ganhar.

Ele olhou para mim com atenção. E então sorriu.

— Você é uma menina muito esperta, Charlotte — disse ele, gentilmente.

— Por mim tudo bem, Sr. Buzanfa.

— Mas quero explicar — insistiu ele. — Porque a verdade é que, se este tivesse sido um ano como outro qualquer, *você* provavelmente receberia a medalha, Charlotte. Você a merece... não só por causa de todo o trabalho que teve com a campanha do agasalho, mas porque, como acabei de falar, tem sido uma pessoa boa com todos. Ainda me lembro de como, desde o início, quando lhe pedi que fosse “colega de boas-vindas” do Auggie, você abraçou a missão com todo o seu coração, sem tergiversação.

Já mencionei o quanto eu adoro o fato de ele usar palavras grandes e presumir que nós entendemos?

— Mas, como você sabe, este ano foi tudo, *menos* comum. E quando estava pensando nesse prêmio, no que ele representa, percebi que pode ser mais do que serviços comunitários... não desmerecendo isso, *de forma alguma*.

— Não, entendo perfeitamente o que o senhor quer dizer — concordei.

— Quando olho para Auggie e todos os desafios que ele tem que

enfrentar diariamente — disse ele, dando tapinhas no coração. — Fico admirado de como ele consegue simplesmente vir todos os dias. Com um sorriso no rosto. E quero que ele receba a confirmação de que este ano foi uma vitória. Que ele causou impacto. Quer dizer, o modo como as crianças se reuniram em volta dele depois do terrível incidente na reserva natural? Foi por causa *dele*. Ele inspirou essa gentileza nelas.

— Entendo perfeitamente o que o senhor quer dizer — falei.

— E quero que esse prêmio *seja* sobre gentileza — continuou ele. — A gentileza que oferecemos ao mundo.

— Totalmente — concordei.

Ele parecia verdadeiramente maravilhado com minha atitude. E acho que um pouco aliviado.

— Fico muito feliz que você entenda, Charlotte! Queria conversar com você antes, para que não ficasse decepcionada durante a cerimônia de amanhã, já que, como você disse, todos estão achando que você vai ganhar. Mas você não vai contar a ninguém, não é? Eu não quero estragar a surpresa para Auggie e sua família.

— Posso contar aos *meus* pais?

— Claro! Embora eu pretenda ligar pessoalmente para eles hoje à noite para lhes dizer como estou orgulhoso de você neste momento.

Ele se levantou e estendeu o braço por cima da mesa para apertar minha mão, então apertei a dele.

— Obrigado, Charlotte.

— Obrigada ao senhor, Sr. Buzanfa.

— Vejo você amanhã.

— Tchau.

Comecei a caminhar em direção à porta, mas então aquela ideia surgiu em minha cabeça, completamente formada. Não sei nem de onde veio.

— Mas um prêmio *pode* ir para duas pessoas, certo? — perguntei.

Ele ergueu os olhos. Por um segundo, pensei ter visto uma pontinha de decepção no olhar dele.

— Em *pouquíssimas* ocasiões a medalha foi para uma dupla de

alunos que fez um projeto de serviço comunitário *juntos* — respondeu, coçando a testa. — Mas no caso de Auggie e você, acho que ambos receberiam por motivos diferentes.

— Não, não estou falando da gente — interrompi. — Acho que *Summer* deveria ganhar o prêmio.

— Summer?

— Ela foi uma *grande* amiga de Auggie o ano inteiro — expliquei. — E não porque o senhor *pediu* a ela que fosse do comitê de boas-vidas, como pediu a mim e ao Jack. Ela simplesmente virou amiga dele! Foi o que o senhor acabou de falar sobre gentileza.

O Sr. Buzanfa assentiu, como se de fato estivesse prestando atenção ao que eu dizia.

— Quer dizer, eu fui *legal* com Auggie, mas Summer foi *boa*. Tipo legal elevado à décima potência ou algo assim. Entende o que quero dizer?

— Entendo perfeitamente o que você quer dizer — respondeu ele, sorrindo.

Assenti.

— Que bom.

— Fico muito grato por você me dizer tudo isso, Charlotte. Você me deu muito em que pensar.

— Legal.

Ele estava olhando para mim e assentindo devagar, como se debatesse algo mentalmente.

— Mas deixe-me perguntar uma coisa — falou, fazendo uma pausa, como se procurasse as palavras certas. — Você acha que *Summer* ia querer uma medalha só por ser amiga de Auggie?

No momento em que ele falou aquilo, entendi o que ele queria dizer.

— Ah! — exclamei. — Espere. O senhor tem razão. Ela não ia querer.

Por algum motivo, a imagem de Maya mostrando os dentes para a mesa de Savanna do outro lado da sala me veio à mente.

Amizades definitivamente não têm a ver com medalhas.

— Mas me permita pensar sobre isso esta noite — disse ele, levantando-se.

— Não, o senhor está certo — respondi. — Está bom do jeito que o senhor pensou.

— Tem certeza?

Assenti.

— Mais uma vez, obrigada, Sr. Buzanfa. Nos vemos amanhã.

— Até amanhã, Charlotte.

Nós apertamos as mãos de novo, mas dessa vez ele o fez com as duas mãos.

— Só para você saber — começou ele —, ser legal é o primeiro passo para ser gentil. É um belo começo. Estou extremamente orgulhoso de você, Charlotte.

Talvez ele soubesse disso, talvez não, mas, para alguém como eu, palavras como essas valem todas as medalhas do mundo.

Como Ximena arrasou no discurso

Bom dia, Dr. Jansen, Sr. Buzanfa, Reitor Rubin, colegas alunos, funcionários, professores e pais.

Estou honrada de ter sido convidada a fazer o discurso de abertura em nome do quinto ano. Ao olhar em volta e ver todos esses rostos felizes, sinto-me sortuda por estar aqui. Como alguns de vocês sabem, este é meu primeiro ano na Beecher Prep. Não vou mentir: a princípio fiquei um pouco nervosa de vir para cá! Sabia que algumas crianças estavam aqui desde o jardim de infância, e fiquei com medo de não fazer amigos. Mas acontece que muitos dos meus colegas de turma também eram alunos novos, feito eu. E mesmo as crianças que estavam aqui havia um tempo, bem, o ensino fundamental é novidade para todo mundo. Definitivamente, foi uma experiência enriquecedora para todos nós. Com algumas topadas no caminho. Alguns erros e acertos. Mas foi uma jornada maravilhosa.

Este ano, fui convidada a participar de uma apresentação de dança coreografada pela Sra. Atanabi para o baile beneficente da Beecher Prep. Foi uma experiência maravilhosa para mim. Minhas companheiras de dança e eu nos esforçamos muito para aprender a dançar juntas, como se fôssemos uma pessoa só. Foi preciso muito tempo. E confiança. E talvez vocês não saibam, que, por já ter estudado em muitas escolas diferentes ao longo dos anos, para mim nem sempre é fácil confiar nas pessoas. Mas realmente aprendi a confiar nessas meninas. Percebi que podia ser eu mesma com elas. E serei sempre grata por isso.

Acho que o que mais desejo para o próximo ano, meus caros colegas, é estabelecer essa confiança com todos vocês. Minha esperança é de que, quando começarmos o sexto ano, mais velhos

e sábios, todos nós aprendamos a confiar um nos outros o bastante para podermos ser nós mesmos e aceitar os demais pelo que eles *realmente* são.

Obrigada.

Como, enfim, me apresentei

No dia que vi Gordy Johnson pegando um ônibus, mandei mensagem para Summer e Ximena, e todas ficamos muito contentes de saber que ele estava vivo e bem. Porém, havia tanta coisa acontecendo na época que não tivemos oportunidade de falar muito sobre isso. Ficamos animadas, de olho esperando avistá-lo de novo em algum lugar da vizinhança, mas isso nunca aconteceu. Ele se fora. Mais uma vez.

Só voltei a vê-lo no início de julho. De repente ali estava ele de novo, sentado sob o toldo do supermercado A&P, tocando em seu acordeão as mesmas músicas de sempre, o labrador preto deitado à sua frente.

Fiquei olhando para ele por alguns minutos. Estudei seus olhos abertos, me lembrando de como eles me assustavam. Vi seus dedos apertando as teclas do acordeão. Um instrumento tão misterioso para mim. Ele estava tocando "Those Were the Days". Minha música favorita.

Quando terminou, fui até ele.

— Oi — falei.

Ele sorriu na minha direção.

— Olá.

— Fico feliz por você estar de volta!

— Obrigado, senhorita!

— Para onde você foi?

— Ah, bem — disse ele. — Fui passar um tempo com a minha filha no sul. Esses invernos de Nova York estão se tornando muito difíceis para meus ossos velhos.

— Com certeza foi um inverno bem frio — falei.

— Com certeza!

— O nome da sua cadela é Joni, não é?
— É, sim.
— E o seu é Gordy Johnson?
Ele inclinou a cabeça.
— Sou tão famoso a ponto de você saber meu nome? — perguntou ele, rindo.
— Minha amiga Summer Dawson conhece você — respondi.
Ele ergueu a cabeça, tentando se lembrar de quem eu estava falando.
— O pai dela era militar — expliquei. — Ele morreu há alguns anos. Sargento Dawson.
— Sargento Dawson! — disse ele. — Claro que me lembro dele. Um homem glorioso. Que notícia triste. Eu me lembro bem daquela família. Diga à menininha que mandei um oi, ok? Ela era uma criança muito doce.
— Vou dizer — respondi. — Nós tentamos encontrar você. Summer e eu ficamos preocupadas quando você não apareceu mais por aqui.
— Ah, querida. Vocês não precisam se preocupar comigo. Eu me viro bem. Não sou mendigo nem nada. Tenho uma casa afastada do centro. Só gosto de ter algo para fazer, de sair com Joni. Pego o ônibus expresso de manhã na porta do meu prédio. Desço no ponto final. É uma boa viagem. Venho aqui por hábito, sabe? Há boas pessoas aqui, como o sargento Dawson. Gosto de tocar para elas. Você gosta de música?
— Gosto!
— Bem, é por isso que estou aqui tocando, menina! — disse ele, animado. — Para alegrar o dia das pessoas.
Assenti, feliz.
— Está bem — falei. — Obrigada, Sr. Johnson.
— Pode me chamar de Gordy.
— A propósito, meu nome é Charlotte.
— É um prazer conhecê-la, Charlotte.
Ele estendeu a mão. Eu a apertei.
— Tenho que ir agora. Foi bom falar com você.
— Tchau, Charlotte.

— Tchau, Sr. Johnson.

Enfiei a mão no bolso, peguei uma nota de um dólar e a coloquei no estojo do acordeão.

Fush.

— Deus abençoe a América! — disse Gordy Johnson.

Sobre a autora



R. J. Palacio mora em Nova York com o marido, os dois filhos e dois cachorros. Por mais de vinte anos foi diretora de arte e designer gráfica, trabalhando nos livros de outras pessoas enquanto esperava o momento certo para começar o próprio romance. Sua estreia na literatura foi com *Extraordinário*, uma comovente história que deu origem a este e-book, aos e-books *O capítulo do Julian* e *Plutão* e ao livro *365 dias extraordinários*.

Conheça outros títulos da autora



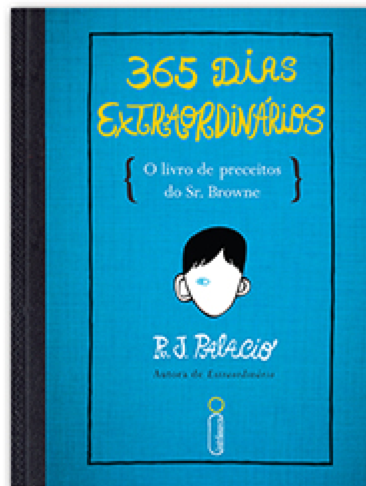
Extraordinário



O capítulo do Julian
(novela em e-book)



Plutão
(novela em e-book)



365 dias extraordinários

Leia também



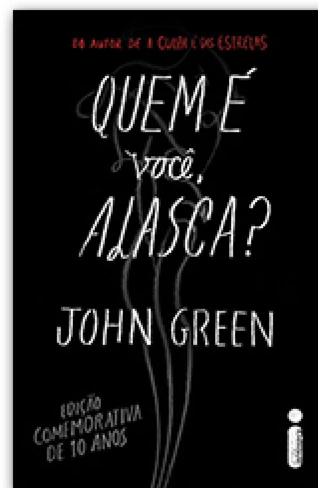
A culpa é das estrelas
John Green



Cidades de papel
John Green



O Teorema Katherine
John Green



Quem é você, Alasca?
John Green



Claros sinais de loucura
Karen Harrington



Passarinho
Crystal Chan